

Mestrado em Sociologia: especialização de Contextos, Práticas e Políticas Culturais

Dissertação de Mestrado

*Jovens Mulheres: Histórias e retratos do imaginário
feminino*

M



Jovens Mulheres

Histórias e retratos do imaginário feminino

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pelo Professor
Doutor João Teixeira Lopes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

Para a mãe e a Mafalda, por fazerem de mim uma jovem Mulher

Índice

Declaração de Honra

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Introdução.....	10
1. Trajetórias de vida: conceito sociológico.....	12
1.1. Família.....	18
1.2. Escola e Ensino Superior.....	21
1.3. Pares.....	23
1.4. Lazer.....	25
2. Educação e Construção social do Sucesso escolar.....	27
3. Sexo, género e socialização de género.....	34
4. Metodologia.....	41
4.1. Metodologia qualitativa.....	41
4.2. Histórias de Vida.....	44
4.3. Entrevista Semiestruturada.....	46
5. Retratos e perfis: análise de resultados.....	47
5.1. Família nuclear e alargada.....	47
5.2. Configuração familiar ambicionada.....	55
5.3. Ensino Superior e Aprendizagens.....	60
5.4. Objetivos Profissionais das entrevistadas.....	65
5.5. Espaço, quarto e casa como modeladores de identidade.....	70
5.6. Convicções Políticas.....	76
5.7. Práticas Lúdicas e de lazer, disciplinas favoritas no básico e secundário e as suas interligações.....	86
5.8. Ansiedade e consumições: futuro.....	96
5.9. Religiosidade(s).....	102
6. Conclusão.....	105
7. Referências bibliográficas.....	107
Anexos.....	108

Declaração de Honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Matilde Samagaio Gandra

2024

Agradecimentos

A concretização deste presente trabalho não teria sido possível sem o encorajamento incansável da minha mãe e da minha irmã. Agradeço, também, não obstante não presente em corpo, mas sim em espírito, ao meu querido e amado pai, que decerto se encontra muito orgulhoso do meu empenho e dedicação.

Gostaria de agradecer aos meus amigos e às minhas entrevistadas, que me instigaram para que eu completasse a tarefa em mãos, assim como ao meu imprescindível orientador, o Professor Doutor João Teixeira Lopes. Não somente a ele, porém a todos os Professores e Professoras que se cruzaram no meu caminho e sempre me deram um grande amor pelos livros e pelo estudo, espelhando-se, isso, na minha paixão pela Sociologia.

A todos, do fundo do meu coração, obrigado.

Resumo

Esta dissertação focaliza na construção de histórias de vida de jovens mulheres entre os 20 e os 23 anos de idade, frequentadoras dos cursos de humanidades de Sociologia e Educação Social. São abordadas, no enquadramento teórico, temáticas referentes à identidade de género, aos lazeres, às aprendizagens escolares de ensino básico, secundário e superior. Assim sendo, foram arquitetadas histórias de vida espelhantes do imaginário daquilo que é ser-se uma jovem mulher no ensino superior na vida do quotidiano.

Na análise e discussão daquilo que foi obtido pelas entrevistas semiestruturadas, houve uma compartimentação das temáticas abordadas em cada plano de entrevista, visando o presente, passado e o futuro.

São, então, realizadas inferências e elações acerca de temas na vida de jovens mulheres – temas como a família, a família ambicionada, as suas convicções e participação na vida política, os seus lazeres, os seus trajetos escolares desde o ensino básico até ao ensino superior e as suas perspetivações de religiosidade.

Palavras-chave: Educação; Género; Socialização; Identidade

Abstract

This dissertation focuses on the construction of life stories of young women between 20 and 23 years of age, attending the humanities courses of Sociology and Social Education. In the theoretical framework, themes related to gender identity, leisure, school learning in primary, secondary and higher education are addressed. Thus, life stories were designed that mirror the imaginary of what it is to be a young woman in higher education in the life of the everyday life.

In the analysis and discussion of what was obtained by the semi-structured interviews, there was a compartmentalization of the themes addressed in each interview plan, aiming at the present, past and future.

Inferences and connections are then made about themes in the lives of young women – themes such as the family, the desired family, their convictions and participation in political life, their leisure, their school paths from elementary school to higher education and their perspectives of religiosity.

Key words: Education; Gender; Identity; Socialization

Introdução

Esta dissertação foi realizada no âmbito do mestrado em Sociologia, mais concretamente na vertente de Contextos, Práticas e Políticas Culturais. Esta dissertação foi orientada pelo Prof. Doutor João Teixeira Lopes, do Departamento de Sociologia.

Com esta tese, pretende-se elaborar a construção de histórias de vida de jovens mulheres, de forma a compreender como estas alcançaram os seus trajetos nas suas áreas de formação no ensino superior.

A escolha de entrevistadas pertencentes à área científico-humanística foi uma questão indubitável: para uma compreensão melhor de como as entrevistadas encaram assuntos como o lazer e a política, a seleção de entrevistadas de áreas de estudo afins torna o entendimento mais profuso e coincidente. Assim, pareceu certo selecionar as entrevistadas que estudam de forma a compreender a sociedade e os mecanismos, tendo a preocupação de realizar uma compreensão das suas aprendizagens no meio do ensino superior.

Desta forma, compreender o preço do sucesso sempre foi uma questão de dúvida pessoal e, com estas entrevistas, a maior pretensão foi entender quais as aspirações destas jovens mulheres.

Os objetivos primordiais desta dissertação são compreender as ligações das entrevistadas com as suas famílias nucleares e alargadas, perspetivar quais as suas ambições familiares e profissionais, entender os seus lazes e a forma como estes se enquadram no quadro de gostos pessoais, analisar as convicções políticas e a forma como estas são colocadas em prática por parte das entrevistadas, colocar a questão das religiosidades prementes e a participação em rituais de cariz religioso – isto para construir retratos e perfis, tendo sempre em primazia a questão da trajetória de vida e o que esta contém.

Esta dissertação encontra-se dividida em três partes primordiais: primeiramente, tem-se um enquadramento teórico, no qual são abordadas as questões da educação, do género, dos lazes, da família, pares e é elaborada uma análise ao conceito de trajetória de vida; seguidamente, há um capítulo metodológico que verbaliza o modo como as

entrevistas foram realizadas; e, por fim, uma análise de conteúdo às entrevistas realizadas, travando assim uma conexão com a literatura de cariz científico. No final da dissertação encontra-se uma breve conclusão com as ideias fundamentais retiradas da construção destes retratos de feminilidades atuais.

1. Trajetórias de vida como conceito sociológico

O presente trabalho tem como afimco a construção de trajetórias e histórias de vida de jovens mulheres, cujas idades se delimitam entre os 20 e 23 anos, tendo em atenção os retratos destas jovens enquanto mulheres e indivíduos pertencentes ao sexo e género feminino. Crescer como mulher é significativamente distinto do crescimento enquanto homem – e é a esse apelo a que se pretende chegar.

As histórias de vida consistem num processo empregue pela Sociologia e pela Antropologia.

Segundo Brandão (2007: 1),” De uma certa forma, uma história de vida é sempre individual e única – a história de um indivíduo particular contada a partir da sua perspectiva e à luz da sua experiência”. Não há elementos sociais completamente iguais – existem processos parecidos, similares até, no entanto há sempre um ponto em que se diferenciam. Cada história de vida de cada indivíduo é um mar de análise social e, estudando as trajetórias de vida de cada um, é-se confrontado com singularidades e, quiçá, regularidades. A experiência de cada um não deve ser ignorada e há que se ter em mente que, no decorrer da vida, as vivências com as quais cada indivíduo se vai confrontando acabam por ter um impacto modelador no modo como é apresentada a identidade social.

Segundo Brandão (2010: 52), “...de todas as histórias que povoam o mundo, há histórias que se ligam ao actor de forma especial. São as suas histórias, as histórias que conta de si próprio, a história da sua vida”. As histórias pertencem irrepreensivelmente a cada um e são elas que motivam o interesse a construí-las e, subsequentemente, analisá-las. “A história de vida que sustenta o Eu e o seu sentido identitário é, assim, frequentemente reduzida a uma ‘ilusão biográfica’, uma ‘ilusão retórica’, enfim, a ‘uma representação comum da existência ‘ (Bourdieu, 1986: 70)” (Idem). Nesta linha de raciocínio, o papel do sociólogo passa grandemente por deslindar a verdade, sem apetrechos, produzindo uma análise social à história de vida de cada um/a.

O ser humano é um produto do seu passado, do seu presente, enquanto alcança o seu futuro. Portanto, “Sendo produtos históricos da atividade humana, todos os universos socialmente construídos modificam-se, e a sua transformação é realizada pelas ações concretas dos seres humanos” (Berger e Luckman, 1973: 157). As nossas ações incorporam-se na trajetória da nossa vida de forma indelével, de modo que se torna impossível avançar passos na vida de um indivíduo, de forma a construir a sua história de vida estruturada. Mesmo aquilo de que o ator social se arrepende, que sente quicá que o fez estando fora de si, conta para a construção da sua história de vida. Há que se aceitar todas as peculiaridades de um indivíduo quando o objetivo é a construção da sua história.

Seria pertinente definir aquilo que se entende, sociologicamente, como história de vida. A trajetória de vida, ou ciclo de vida, baseia-se nas “(...) diversas transições por que passam os indivíduos ao longo das suas vidas (que) podem parecer à primeira vista biologicamente definidas”. (Giddens, 2007: 327). O trajeto de vida humano é polvilhado por distintos momentos e afazeres, que, à partida, poderão parecer definidos de forma indelevelmente biológica: desde o momento do nascimento, crescimento e fases subsequentes do trajeto biológico. Deste modo, “As histórias de vida, além de traduzirem a experiência e a verdade dos seus narradores, permitem perceber como é que relação construídas na ligação a outros (significativos e generalizados), a um contexto, às suas convenções e às metanarrativas que o caracterizam (Plummer, 2001)” (Brandão, 2010, pág. 53)

Cada história de vida transforma-se numa forma de narrativa única e preciosa. Assim, “Cada narrativa pode (...) ser vista como uma peça de um mosaico complexo, cuja reconstituição faz parte do empreendimento científico: umas são úteis pela sua cor, outras porque realçam os contornos de um objecto, nenhuma é mais importante do que a outra (Becker, 1986, 1994)” (Brandão, 2010: 53). Uma história de vida é-lo, por si só, de uma unicidade e autenticidade extremas. É impossível, mesmo entre irmãos, existir duas pessoas com duas histórias de vida iguais. Denotam-se, claro, padrões, tantos mais quantas as similaridades em termos de identidade dos atores sociais cujas histórias de vida se analisam. Por exemplo, duas jovens homossexuais cujos pais não aceitaram as

suas orientações poderão ter um ponto em comum na sua história de vida – todavia, denote-se que tudo o resto poderá ser completamente divergente.

Segundo Giddens (2007: 313), “Uma das características mais distintivas dos seres humanos, quando comparados com os outros animais, é a consciência de si”. Daqui partem conceitos como os conceitos de identidade e self. Segundo Brandão (2001: 17), “Um dos casos mais comuns refere-se à confusão entre identidade e self. Na realidade, estes conceitos designam coisas diferentes – o self pode ser entendido como a relação do indivíduo com as suas ações e experiências (Blasi, 1988: 228-229), ao passo que a identidade tem a ver com um “‘sentimento de ser’ pelo qual o indivíduo experimenta que é um ‘eu’, diferente dos outros” (Taboada-Leonetti, 1999: 43)”. O self é uma forma mais mecânica, em comparação à identidade; a identidade é basificada num sentimento de experimentação daquilo que é o ser e o existir, é uma abordagem mais crua e pura quando em comparação com a questão do self; ou seja, enquanto o self cimenta-se na ordem das experiências a posteriori, a identidade transforma-se enquanto âmago da conexão do ser com o sentimento desse próprio ser.

Será, ainda, persistente mencionar que, não obstante certos valores profundamente enraizados na infância e prelúdios de idade adulta, a identidade tende a transmutar-se de forma fulgurante, assumindo novos moldes consoante as fases de vivências mediante um determinado estilo de vida, ou outro, de igual forma, estruturante. O ator social alimenta-se de estímulos internos e externos, absorvendo a multidimensionalidade do mundo. Segundo Brandão (2010: 28), “(...) a experiência que o actor tem do mundo é multidimensional, incluindo a experiência directa que este partilha com os seus semelhantes no presente e num tempo e espaço concretos (...)”. Há que se ter em atenção as experiências diretas, porém não descurar as experiências indiretas, provenientes de contemporâneos, que são capazes de fomentar as primeiras presentes.

O género trata-se de uma criação e construção social à qual falta uma essência fixa. O corpo humano sofre por parte de forças sociais que o moldam e transmutam, alterando-o de inúmeras maneiras e formas. Por vezes, aos nossos corpos são atribuídos significados que desafiam o que é amiúde considerado “natural”. Por via de mudanças de sexo, piercings, tatuagens, dietas, operações plásticas toma-se o corpo como uma tela em branco, de forma a cambiá-lo de acordo com o gosto de cada um. Assim sendo,

compreende-se que as tecnologias inovadoras debutaram um desafio aos limites dos nossos corpos humanos. “A tecnologia estará a dissipar os limites dos nossos corpos. Deste modo (...) o corpo humano e a biologia não são algo fixo de uma vez por todas, mas estão sujeitos à acção humana e à escolha pessoal em contextos sociais diferentes” (Giddens, 2008: 684). O corpo elabora, juntamente com o âmago psicológico e psicossocial, uma transmutação, de forma que o ser humano evolua vagarosa, porém decididamente.

A socialização primária alimenta-se de uma visão premente familiar, consagrada no âmbito do lar e da família. No entanto, à medida que o crescimento de certo ator social se estende no seu tempo de vida, a socialização secundária debuta a sua urgência. Segundo Berger e Luckmann (1989), pela ótica de Ana Brandão (2010: 25), “Contrariamente à visão do mundo e aos saberes genéricos oferecidos pela socialização primária, a socialização secundária consiste na aquisição de saberes e papéis mais específicos”. A questão da socialização trata-se de uma relação profundamente fundamental para análise e discussão, pois está interligada ao campo inerente às subtilezas que se desfiam da questão do género como um todo. Enquanto a socialização primária basifica-se nas raízes criadas no âmbito familiar e pré-escolar, a socialização secundária debuta mais tarde, proliferando na “diferenciação interna da ordem social” (Brandão, 2010: 25). Assim sendo, a socialização secundária abre portas para uma maior reflexividade ligada ao mundo e novos conceitos, por via, por exemplo, da educação escolar e universitária.

Deste modo, torna-se fulgurante compreender as questões que se relacionam com o processo de socialização, tanto com a socialização primária como com a socialização secundária. O lado de fora e o lado de dentro. Assim, a identidade social não se esgota na definição pelas iniciais condições sociais, no âmago da família, mas sim acresce no processo de contacto com o exterior.

Ter uma identidade é assimilada com o ter uma história, um ponto de partida para o mundo. E, de forma subsequente, ter uma “história” subjuga a noção de posse de uma identidade definida, no entanto aberta a novos desenvolvimentos. Segundo Brandão (2010: 27), “Se ser alguém é ter um passado (...), é no presente que esse passado se actualiza, em confronto com um futuro antecipado. Memória, acção/actualização e

antecipação são integrados no e modelam o sentimento de continuidade, confirmado e refeito na interação com o Outro(...)”. Portanto, ser alguém implica a posse de um passado e, mediante a posse desse passado, o presente atualiza os dados, constituindo espaço para um futuro. Seria pertinente, também, mencionar que “Na verdade, não há memória sistemática de episódios dramáticos ou obstáculos intransponíveis. Sabemos que os relatos biográficos constroem (inventam) uma coerência e salientam narrativas lineares, limadas de arestas e de contradições” (Lopes, 2022: 181).

As narrativas biográficas, neste caso, histórias de vida, são profusamente autênticas e contribuem para uma maior acessibilidade a questões da vida, as quais, por vezes, não se dá a necessária atenção. Compreendendo estas questões da vida, neste caso, de cada uma das jovens mulheres entrevistadas nesta dissertação, estar-se-á ao alcance de uma maior profundidade de conhecimento face a regularidades e singularidades.

A identidade de um ator social não se esgota na soma das identidades, porém, sim, pertence a uma outra ordem – a qual inclui elementos inconscientes

São, portanto, as agências de socialização que fomentam a proliferação de um âmagô de socialização secundária, contribuindo grandemente para um alargar de horizontes, auxiliando na construção do self.

O self demarca-se, por sua vez, do universo corporal fisiológico. E surge da interação. No entanto “O corpo é necessário ao self, pois este só surge com a mente e esta tem uma base fisiológica, mas distingue-se dele na medida em que não possui a capacidade de refletir sobre si próprio” (Brandão, 2010, pág. 21) Sem o corpo e a armação fisiológica, o self não se admite como parte de um todo. O organismo funciona de forma concomitante com a mente e a reflexividade do ser humano, sendo que este trabalha de forma quase que autónoma.

Os selves constroem-se na edificação equiparada à questão da identidade. Os selves são assumidos como uma totalidade ou uma estrutura convergente em diversas partes. A nossa identidade é composta por várias identidades sociais, transformando-se num elemento “agregador”. A identidade pode, ainda, entrar em dissociação pela parte da rutura dos diferentes selves em confronto com a realidade e grupos sociais. Os chamados processos de desagregação da personalidade.

Os selves constroem-se concomitantemente na socialização secundária e com o auxílio da mesma. A socialização secundária é fomentada com elementos exteriores ao âmbito familiar, como a escola, o local de trabalho, atividades extracurriculares. Segundo Dubar (1991: 100), “Il s’agit, avant tout, de l’incorporation des savoirs spécalisés – que nous appellerons savoirs professionnels – quiconstituent des savoirs d’un genre nouveau”. Portanto, tendo em atenção as questões que perpassam nos vários graus de socialização, torna-se fomentador divergir a vida profissional e a socialização na vida profissional, demarcando-a da socialização no âmbito académico e das relações sociais potenciais socializadoras.

Tendo em vista a modelação que o self e a identidade conquistam, será pertinente ter em cuidadosa atenção os diversos agentes de socialização que delimitam o crescimento e transmutação dos primeiros, assim como a progressão da trajetória de vida.

A escola é, num grau extenso, um muito importante agente de socialização. Denota-se, em cada ser social, uma grande importância dada ao agente de socialização que se traduz na educação. O ambiente escolar e académico contribui para a aquisição de diversas ferramentas que fomentarão as particularidades e posições ocupadas na vida adulta e em ambiente de trabalho futuro. Há a expectativa de que as crianças necessitam de estar sossegadas e calmas para aprender – assim como, mais tarde, os adultos precisam de estar calmos e operativos para rececionar as suas tarefas num contexto de emprego. Desta forma, é também fulgural sublinhar que as atitudes dos professores em estabelecimento de ensino determinam em grande escala o aproveitamento que os alunos retiram dos processos e procedimentos desenvolvidos inerentemente à sala de aula enquanto local de partilha e aprendizagem.

Desta forma, ferramentas como a linguagem, o corpo e as suas transações simbólicas que executam com o self são fundamentais para a perceção daquilo que é a construção de uma história de vida e respetiva trajetória inerente à mesma.

A linguagem, a mente e o self constroem-se de forma progressiva no âmbito da interação. As palavras não criam, somente nos fazem mirar os assuntos de determinadas formas. A linguagem é um instrumento concebido para nos permitir a comunicação, porém é também uma forma de partilhar de forma sentida. E todo o ser social tem algo

de diferente a dizer – segundo Berger e Luckman (1973: 48), “Dito de maneira negativa, é relativamente difícil impor padrões rígidos à interação face a face”.

O ato de identificação transmite-se na construção e aderência de uma identidade ao indivíduo, de forma a situar o Outro Generalizado e classificá-lo. Desta forma, através da identificação, consegue-se decidir qual o melhor rumo da ação, relacionando-o com classes sistematizadas. Por via da concepção sociológica da linguagem, torna-se exequível a tentação de sobrevalorizar a linguagem como motor para o desenvolver dos processos de socialização – sendo, a própria linguagem, um resultado da precoce socialização primária.

O termo inerente à identidade transmuta-se longamente e mediante as fases da vida que se vão desenrolando, consoante as noções temporais. Debuta na infância – segundo Dubar (1991: 5), “Or l’identité humaine n’est pas donnée, une fois pour toutes, à la naissance: elle se construit dans l’enfance et, désormais, doit se reconstruire tout au long de la vie”. Face às diferentes temporalidades da vida, denota-se a infância como fase fulgural para o desabrochar mais imediato de identidade, isto é, na criança. Poder-se-ia beber um pouco da teoria de David Hume, referente ao ser humano como tábua rasa, aquando do seu nascimento, pronto para desenvolver os seus conhecimentos, não obstante, iniciando o seu percurso de vida como uma, passado a expressão “tábua rasa”.

1.1. Família

A família é a primordial fonte de socialização primária. É, no seio da família, que se constroem as ligações que, em princípio, ficarão para o resto da vida. Há mais do que um tipo de família, a família com um pai e uma mãe e os seus filhos trata-se de um modelo familiar assaz ultrapassado.

Com todos os tipos de famílias que existem no quotidiano do atualmente (ou seja, as famílias com pais do mesmo género, famílias monoparentais, famílias em que os avós

assumem o posicionamento daquilo que seria expectável dos progenitores), há algo que não cambia: a família como frizada e primeira fonte de relação social. É na via da construção das relações sociais que se fomenta e se preenche de sentido a vida. Desde o momento em que somos bombardeados com notícias do mundo exterior até às interações no quotidiano, no âmbito da ocupação profissional. O ser humano necessita vorazmente de comunicar com o exterior e apreender as notícias que desenvolvem a cadência do mundo que os envolve. O ser humano sozinho é um ser isolado, como uma ilha – longe da interação, desconectado do exterior -, entrando, portanto, num estado de anemia, como rezava Durkheim, na sua obra “O Suicídio”.

Segundo Naldini e Saraceno (1992: 18), “Com efeito, é dentro das relações familiares, tal como são definidas e regulamentadas, que os próprios acontecimentos da vida individual que mais parecem pertencer à natureza recebem o seu significado e através deste são entregues à experiência individual: o nascer e o morrer, o crescer, o envelhecer, a sexualidade, a procriação”. E isto deve ser sublinhado: as experiências individuais somente ganham o seu significado quando partilhadas com os membros da família.

A família traduz-se na experiência familiar. Para uns, a família é vista como um porto de abrigo, ao passo que, para outros, a família não é um espaço seguro. “Por isso, o estudo das diversas formas familiares constitui (...) uma passagem importante para a compreensão do modo como uma sociedade e um grupo social, ao organizarem materialmente a sua vida quotidiana e estabelecerem relações e alianças, atribuem significados ao seu ser no mundo, à sua colocação no tempo e no espaço e nas relações sociais” (Naldini e Saraceno, 1991: 20). São, na família, estabelecidas ligações e alianças que, em princípio, perduram. A ligação com pais e mães e entre os seus filhos e filhas são ligações profundas e inquestionáveis, salvaguardando certos casos em que os pais não se encontram presentes para os filhos, por questões variadas.

É, usualmente, com a família que se partilha o espaço doméstico. Este espaço, baseado numa casa ou num apartamento, impõe uma separação com o espaço exterior. Os limites da casa, no entanto, não são nem se metamorfoseiam nos limites da família. A família está, comumente, junta no seu espaço doméstico, porém amiúde também se encontra junta fora do mesmo. Fora da família, os jovens debutam o seu percurso de

vida individual, no entanto os números indicam que Portugal é um dos países em que se sai de casa mais tarde. Segundo Naldini e Saraceno (1991: 67), “Parece evidente que em todos os países se verificou um aumento da permanência na casa dos pais por parte dos jovens, em relação quer com o aumento da escolaridade quer com a dificuldades de entrada no mercado de trabalho (...) No entanto, são os países mediterrâneos, e em particular a Itália e a Espanha, seguidos de Portugal e da Grécia, que mostram as taxas de permanência mais elevadas e mais prolongadas”, sendo estes dados válidos tanto para os homens como para as mulheres.

Com o aumento da escolaridade, os jovens mantêm-se em casa dos seus progenitores de modo mais prolongado. O custo da habitação em Portugal também não contribui positivamente para o caso. Seria, por certo, relevante mencionar a mais tardia idade para o casamento e para a geração de filhos seguinte.

Há, também, uma crescente cisão entre sexualidade e procriação, principalmente com a emergência de novas formas contraceptivas e do fácil acesso às mesmas – portanto, fala-se de preservativos, diferentes pílulas anticoncepcionais, implantes, DIU, diafragma, entre muitas outras formas de prevenir as gravidezes. Seria também curioso mencionar que, nos dias que correm, há uma maior prepotência para a experimentação sexual, em termos de práticas e orientações sexuais. Atualmente, é mais fácil uma mulher assumir-se como lésbica ou um homem assumir-se como gay, assim como é também comum uma pessoa designar-se bissexual e apaixonar-se por alguém do mesmo género, tendo atenção às distinções entre sexo e género – das quais falar-se-á mais à frente.

Em consequência destes fatores, tem ocorrido uma descida premente na natalidade, principalmente em Portugal. Os custos elevados e os salários baixos não são incitadores para os jovens iniciarem uma vida a dois/duas.

Assim sendo, a família mantém-se como um porto seguro para os jovens portugueses. Segundo Lopes (2022: 146), “Como bem relembra o sociólogo francês Bernard Lahire, devemos olhar para o concreto das práticas que se estabelecem entre ‘os seres sociais interdependentes’ que coexistem nessa configuração particular (Lahire, 2004: 332)”.

Analisando o sociólogo Parsons e as suas perspetivações de cariz sistémico – segundo Torres (2001: 51), “O problema de Parsons é ter reduzido os modelos de família ao que

parece ser a imagem dominante do momento – o das classes médias”. Parsons encara a família por uma ótica funcionalista, a qual promove uma delineação de que as famílias seriam sistemas sociais que pendiam de forma natural para o equilíbrio, ou seja, uma homeostasia – “e esse pressuposto epistemológico e teórico repercutia-se, inevitavelmente, na sua teoria do social” (Torres, 2001: 53).

Todavia, o que se observa nos dias que correm não se coaduna de forma sistémica com a teoria de Parsons sobre os sistemas, mas sim com Parsons premonitório. Segundo Torres (2001: 51), “(...) dizer que nas sociedades ocidentais contemporâneas há tendência para a simetria no plano ideológico entre homens e mulheres no contexto da relação conjugal não implica (...) deixar de reconhecer que em diferentes sectores sociais essa mesma tendência central assuma configurações diversificadas”.

Se assumirmos uma ótica sistémica de Parsons, estaremos a induzir no erro de visualizar as famílias como “fábricas de produção de personalidades humanas” (Torres, 2001).

As famílias são inumeráveis e complexas e, atualmente, há que se ter em conta que a figura da mulher mudou -, pois, “(...) por exemplo, numa sociedade como a portuguesa, o modelo da mulher casada activa generalizou-se de tal modo, como imagem positiva, que a ideia de uma mulher com carreira e com filhos é hoje considerada (...) mesmo desejável (...)” (Torres, 2001: 51). E é um pouco disso que se tratam as questões organizadas no guião de entrevista remetentes à família e família ambicionada.

1.2. Escola e Ensino Superior

Momentos de escolha e orientação vocacional são profusamente marcantes na vida de jovens estudantes: quer seja no âmbito do curso de secundário (havendo, para tal, pouco mais de 4 hipóteses – 4 cursos científico-humanísticos, assim como alguns cursos profissionais), quer seja no âmbito vasto do ensino superior, no qual as opções são praticamente infindáveis, o momento de escolha traça um marco na vida de um estudante. Segundo Lopes (2022: 192), “Os momentos de escolha e orientação vocacional são críticos, pois mobilizam uma panóplia de recursos cognitivos,

informativos e sociais. Aliás, (...) importa resgatar o saber do aluno (Amado, 2000), patrimônio de ações, emoções e representações sobre a vivência escolar enquanto configuração e teia de interdependências, uma espécie de conhecimento artesanal (...), de cariz prático, acumulado nas e pelas experiências”. O saber que se vai acumulando ao longo dos anos de estudo formam uma camada de conhecimento extremamente fulgural para o resto da vida profissional e, por vezes, até para a vida privada; por exemplo, uma formação na área das ciências sociais poderá auxiliar na vida pessoal, em relacionamentos ou no contacto com outrem. Por isso, segundo Lopes (Idem), “As escolhas vocacionais ilustram bem o seu cariz pragmático e multirreferenciado”.

A educação complementa, portanto, uma forma de viver: segundo Torres (2001: 90), “Acordamos todas as manhãs com as notícias do país em que vivemos e desenvolvemos automaticamente um conjunto de movimentos e de gestos que testemunham o nosso papel, o nosso lugar nos diferentes contextos em que nos movemos: desde a família, antes de sair de casa, até aos cumprimentos da praxe no início de cada dia de trabalho”. As nossas vidas estão mecanizadas e estruturadas em formatos cimentados socialmente. Deste modo, quem foge a uma rotina, ou uma criança que não aparece na escola, é um motor grave. Cada movimentação humana tem consequências e uma falta de uma movimentação tem, também, o seu leque de consequências.

Ao entrar para o início da atividade escolar, releva-se um alvoroço em âmbitos familiares. É todo um novo mundo. A escola é um processo de aprendizagem, todavia também se trata de um processo de integração e de crescimento a nível social. As origens familiares têm impacto na forma como as crianças debutantes se vão orientar social e escolarmente. Por exemplo, problemas em casa poderão recair sobre a concentração de uma criança, ou um problema de ansiedade social pode vir ao de cima. São peculiaridades que se têm de ser levadas em conta quando se analisa o aproveitamento escolar de uma criança, de um adolescente ou de um universitário. Segundo Lopes (2022: 178), “Estudos recentes sobre a realidade portuguesa identificam problemas nas retenções entre ciclos de ensino, em níveis persistentemente críticos, apesar de estarem em queda”. Há, portanto, um subaproveitamento das metodologias escolares por parte dos jovens no panorama português.

Segundo Berger e Luckmann (1974: 106), “Para nossas imediatas considerações, mais importante é o carácter dos papéis como mediadores de particulares setores do acervo comum do conhecimento.” Cada um executa, após os estudos, a sua designada profissão, tendo sempre em atenção a sua formação e as suas capacidades mal entre no mercado de trabalho. Daí que “Isto implica uma distribuição social do conhecimento” (Berger e Luckmann, 1974: 107). Ao distribuir o conhecimento mediante as áreas de especializações e estudos, gera-se uma sociedade bem estruturada com alicerces para desempenhar, cada um, as suas funções. As profissões que saem dos cursos são necessárias e urgem-se para o mercado de trabalho, embora este também sustente as suas falhas. Por exemplo, em Portugal são muitos os licenciados e mestres que buscam empregos no estrangeiro – embora seja um efeito colateral de uma sociedade profusamente envelhecida.

1.3. Pares

É, no seio da comunicação com o outro, que se constrói a identidade social, tendo por primazia uma colocação de questões inerentes aos pares às entrevistadas deste projeto de dissertação. Segundo Dubar (1991: 98), “La socialisation se définit avant tout par l’immersion des individus dans ce qu’il appelle ‘monde vécu’ qui est tout à la fois un ‘univers symbolique et culturel’ et un ‘savoir sur ce monde’”.

Analisando as palavras de Claude Dubar, torna-se premente referenciar que os contactos com os mecanismos de socialização transmutam o conhecimento que se tem do mundo. Para um ator social que se encontre a vivenciar a sua juventude, o conhecimento que este vai adquirir por vias da socialização com os seus pares vai influenciar o modo como entende os seus “saberes sobre o mundo” (Dubar, 1991). A socialização secundária revela, aqui, as suas potencialidades. Não é por acaso que se diz, popularmente, “diz-me com quem andas e eu dir-te-ei quem és”: amiúde, um ator social é julgado socialmente a partir da análise dos seus pares mais próximos. Por exemplo, um exemplo simples, não é incomum que um jovem que fume possua, no seu círculo de amigos mais próximos, outros fumadores. É uma aquisição social, quanto mais um jovem se der com atores sociais fumadores, quer sejam de cigarros quer sejam de

canábis, mais provavelmente acabará ele próprio por se tornar um fumador de uma, ou de ambas, as substâncias. É um processo de aprendizagem social: filhos de professores tendem a tornar-se, mais tarde, professores; filhos de médicos, idem. Há um mecanismo de apreensão social daquilo que rodeia um indivíduo.

Assim sendo, uma análise dos pares e da manutenção dos mesmos, ao longo dos anos ou, até, décadas, auxilia a compreensão da mente de um ator social e dos seus hábitos e costumes. Segundo Dubar (1991: 100), “Il faut donc faire une place importante à la socialisation secondaire provisoirement définie comme ‘intérieurisation de sous-mondes institutionnels spécialisés’ et ‘acquisition de savoirs spécifiques et de rôles directement ou indirectement enracinés dans la division du travail’”. Com a socialização secundária, entra em ação uma aquisição de costumes e saberes que não terminam com o processo de escolarização – outrem também tem influência acerca de cada um de nós. Não é incomum a forma como as relações interpessoais terem um impacto muito intensivo sobre os estados de espírito de cada um, assim como, amiúde, assaz comum, na saúde mental de cada um. O estado das relações com os pares, sejam estes mais ou menos significativos, produz uma grande convergência com estados de espírito e estados de consciência e comportamentos. Isto aplica-se, também, grandemente, aos relacionamentos amorosos.

Concluindo, torna-se imperioso afirmar uma definição de comunidade, constituição de comunidade e de sociedade. Segundo Weber (s/d: 66), “Denominar-se-á ‘constituição de comunidade’ (...) uma relação social quando e na medida em que a atitude na acção social (...) se funda na solidariedade sentida (afectiva ou tradicional) dos participantes”. Para tudo o mais, é urgida uma relação social. O tema dos pares e da inserção em comunidade é profusamente indelével.

Desta forma, a “constituição da comunidade pode assentar em toda a espécie de fundamentos afectivos, emocionais ou tradicionais: uma confraria pneumatólogica, uma relação erótica, uma relação de piedade, uma comunidade ‘nacional’ (...)” (sem data, Weber: 67), etc. A noção de pertença é, portanto, vasta e aplicável a inúmeros contextos.

1.4. Lazeres

Os lazeres, enquanto matéria para estudo sociológico, são fulgurais para compreender a ocupação do tempo das entrevistadas, quando estas não se encontram a estudar ou a trabalhar. Daí ter sido integrado, no guião de entrevista, três questões inerentes ao lazer das entrevistadas, consagradas à compreensão dos lazeres no passado, no presente e nas perspetivações futuras.

Mas o que é isto de lazer? Até que ponto são os nossos tempos livres isso mesmo – ou seja, tempos livres? Segundo Lopes (2022: 146), “(...) devemos olhar para o concreto das práticas que se estabelecem entre ‘os seres sociais interdependentes’ que coexistem nessa configuração particular (Lahire, 2004: 332)”. Os lazeres podem ser praticados de forma individual, lazeres como a leitura, até praticar um instrumento musical; porém, podem ser também praticados em conjunto com outros seres interdependentes, as idas ao café, passeios com outras pessoas, escutar música simplesmente na companhia de outrem. O universo do lazer é vasto e interminável. É uma dimensão profusamente complexa.

Ao entender os lazeres de alguém, torna-se um pouco mais fácil perceber a pessoa que o ser, enquanto ser social e ator social, é: amiúde, quem se dedica a lazeres mais individuais, opta por passar tempo sozinho/a, nos seus designados tempos livres; todavia, há pessoas mais extrovertidas que ambicionam passar os seus tempos livre com pares, amigos e família. Não obstante, pode haver quem prefira praticar tanto lazeres individuais, como lazeres coletivos, organizando o seu tempo livre de forma mista.

Os lazeres passam muito por uma ótica de consumo cultural. Os livros, a visualização de séries e filmes, a escuta de música. Os artistas produzem arte de forma a esta ser consumida pelas pessoas tipicamente nos seus tempos livres. No entanto, o lazer e o trabalho podem envolver-se numa rede mista: por exemplo, e este caso é comum entre os e as estudantes, o gosto pela leitura de artigos e livros relacionados com as áreas de estudo. Veja-se, uma aluna de sociologia que, nos seus tempos livres, opta por ler um livro precisamente acerca de uma das várias temáticas lecionadas nas aulas. Não deixa de ser um tempo livre, no entanto a ótica de lazer torna-se mais turva. Segue-se, assim, uma junção da matéria de estudo com o interesse pessoal, o que não é pouco comum:

quando uma jovem entra no ensino superior, assumindo que entra no curso que sempre desejou ou que deseja, torna-se automaticamente uma futura profissional da área e as leituras de temáticas podem revelar-se uma forma de passar o tempo bastante prazerosa, seja esse tempo um tempo livre ou um tempo de estudo – ou ambos!

O tempo passado na internet também é bastante característico dos hobbies dos jovens millenials e da geração z.

Com a introdução da análise dos lazeres nesta dissertação, torna-se imperioso compreender os modos como as jovens mulheres entrevistadas passam os seus tempos livres, interligando-os com as disciplinas favoritas.

Há que se ter em conta, também, o lazer enquanto método de preservação do modelo capitalista. Segundo Almeida (2021: 6), “Nesse sentido, para Dumazedier, o lazer se constitui enquanto um fenómeno da sociedade moderna e está associado ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, o que consequentemente faz com que se tenha uma transformação na atribuição e no uso do tempo”. Assim, também obtemos uma ótica da produção capitalista enquanto produção do lazer das crianças, jovens e adultos. Por exemplo, o simples ato de ler, comprar um livro – é uma introdução de capital no modelo industrial da produção de objetos quantificados.

Analisando Dumazedier, pela ótica de Almeida (2021: 7), “Dumazedier diz que associar o lazer a uma prática que se opõe somente ao trabalho é um erro, pois existem outras atividades obrigatórias e que justamente por terem essa característica de obrigatoriedade, também são opostas ao lazer já que, para esse autor, uma das principais características do lazer se encontra no fato dele não ser uma atividade obrigatória”. Portanto, torna-se fulgural demarcar, por exemplo, leituras individuais, de romances ou poesia, de leituras académicas – porém, as leituras académicas são sujeitas a complexificar-se no lazer. Com a entrada num curso de ensino superior pelo qual um jovem adulto tenha interesse, torna-se natural e orgânico que esse jovem opte por desenvolver leituras no âmbito estudado, como já foi este exemplo referido anteriormente. No entanto, como não há obrigatoriedade nesse ímpeto, pode ser, com efeito, considerado um lazer.

2. Educação e Construção social do Sucesso escolar

As nossas vidas estão mecanizadas e estruturadas em formatos cimentados socialmente. Deste modo, quem foge a uma rotina, ou uma criança que não aparece na escola, é um motor grave. Cada movimentação humana tem consequências e uma falta de uma movimentação tem, também, o seu leque de consequências.

O universo simbólico transmuta-se como universo de análise e torna-se um objeto de estudo e reflexão. Segundo Berger e Luckmann (1974: 143), “Enquanto o universo simbólico legitima a ordem institucional no mais alto nível de generalidade, a teorização relativa ao universo simbólico pode ser considerada, por assim dizer, uma legitimação de segundo grau”. São os mecanismos de manutenção do universo, que se aplicam grandemente à juventude e à construção social da mesma.

Há, contudo, um problema que aflige o processo de transmissão de universos simbólicos cognoscíveis: o processo de transmissão de geração para geração. Estes processos de socialização nem sempre são bem realizados, sendo que um pouco de um universo simbólico poderá ficar para trás, como que retido numa geração anterior. Isto aplica-se ao ensino e à escolarização, a modos que todo o conhecimento de um professor acerca de determinado universo de elementos cognoscíveis nunca será profusa e completamente transmitido a uma nova geração. Segundo Berger e Luckmann (1974: 145), “Este problema intrínseco acentua-se quando versões divergentes do universo simbólico começam a ser partilhadas por grupos de ‘habitantes’”. Portanto, com a existência de uma geração mais nova e menos sensível às transmissões de conhecimento pelas gerações acima, surgem dimensões de universos simbólicos e versões dos mesmos que se desfazem da versão, se é que alguma vez houve uma, original. Segundo Berger e Luckmann (Idem), “O grupo que objetivou esta realidade divergente torna-se portador de uma diversa definição da realidade”.

Criam-se, então, novos grupos de conhecimentos e as ciências, sociais, humanas, e naturais, médicas, etc., são alvo de várias linhas de pensamento. Um exemplo bastante vivaz de tal ramificação seria a ramificação de teorias de filosofia a respeito das mais diversas questões. Para a moral, são inúmeras as teorias, desde Kant a John Rawls. Isto sendo somente um exemplo. No entanto, estes grupos divergentes não devem ser

encarados como uma ameaça ao universo de conhecimentos simbólico, mas sim um “trampolim” capaz de diversificar as redes de análise e as linhas de pensamento. A verdade não se modifica consoante quem a vê. O que é verdade acerca de um universo simbólico de conhecimentos continua a ser verdade nas linhas de raciocínio. Isto seria como alterar a resposta 4, a uma simples adição de 2 mais 2.

No entanto, em questões históricas, as sociedades tomam o risco de colisão. Segundo Berger e Luckmann (1974: 146), “Uma das principais ocasiões para o desenvolvimento de uma conceitualização conservadora de um universo é o que apresenta quando uma sociedade defronta-se com outra que tem uma história muito diferente”. Quando duas sociedades cujas transmissões de elementos cognoscíveis foram muito diversas e divergiram a um ponto crítico, urge-se uma conceitualização de natureza conservadora, que previna as sociedades de enfrentarem heresias internas ou externas.

O aparecimento de outros universos simbólicos de conhecimentos e elementos cognoscíveis provocam, impreterivelmente, uma ameaça, uma vez que demonstra que o que é característico de uma culturalização, escolarização ou educação poderá estar erróneo. No entanto, “Duas sociedades que se defrontam com universos em conflito desenvolverão ambas mecanismos conceituais destinados a manter seus respectivos universos”. Não pode ser esperado consenso, mas a verdade é que, para um observador inocente, este poderá achar em ambas as visões algo que seja produtivo e que faça sentido. Qual delas ganhará? Isso ficará a respeito do observador. Sem nunca olvidar que “O desfecho histórico de todo choque entre deuses foi determinado por aqueles que impunham as melhores armas e não por aqueles que possuíam os melhores argumentos” (Berger e Luckmann, 1974: 148). Por isso, não há forma de ganhar de forma limpa, mesmo nos dias de hoje.

Os mecanismos conceituais que regulam os universos de conhecimentos simbólicos e teorias cognoscíveis estão amiúde suscetíveis a sistematizações científicas, de conhecimento e de legitimação normativa. “Em outras palavras, o material do qual são feitas as legitimações de conservação do universo é principalmente uma elaboração posterior, em um nível mais alto de integração teórica, das legitimações das várias instituições” (Berger e Luckmann, 1974: 149). Várias instituições de conhecimento lutam para ver as suas teorias e ideias legitimadas, já que se encontram cristalizadas nos

universos em questão. Uma vez cimentadas e cristalizadas, torna-se disfuncional voltar atrás e reescrever toda uma tese de instituição. Isto aplica-se às instituições de educação: quem se coaduna com os mecanismos conceituais que regulam o universo de conhecimentos simbólicos cristalizados, obtém o chamado sucesso escolar. Quem questiona os mecanismos que são compreendidos neste âmbito não conseguem passar de ano escolar para ano escolar sem problemas. Por exemplo, segundo Berger e Luckmann (1974: 153), “Por exemplo, numa coletividade que institucionalizou a homossexualidade militar, o indivíduo obstinadamente heterossexual é um candidato seguro à terapêutica, não somente porque seus interesses sexuais constituem evidente ameaça à eficiência de combate de sua unidade de guerreiros-amantes (...)”.

Há uma demarcação a ser disposta no tocante aos temas de escolarização e educação: são assuntos diferentes. Segundo Giddens (2007: 944), “A educação pode ser definida como a instituição social que possibilita e promove, em diversos contextos sociais, a aquisição de competências e conhecimentos, bem como o alargamento dos horizontes pessoais”. Por via desta informação, tece-se que a educação é fulgural no processo de transmissão de competências e conhecimentos, ao nível profissional, porém que também alargam as janelas de conhecimento ao nível pessoal. Por outro lado, “A escolarização, por sua vez, refere-se ao processo formal de transmissão de determinados conhecimentos e competências, com base num currículo pré-concebido, em contextos especializados: as escolas” (Idem).

Por via da educação, o indivíduo, enquanto ator social, cresce e transmuta-se, a si e às suas ideias, de forma a modelar toda uma gama de pensamentos e opiniões, que sem a escolarização, não seriam obtidos. Tem-se, portanto, de considerar a educação e o subsequente processo de escolarização como armas de confronto com a realidade e com a sociedade. Ter-se-á, também, em atenção as necessidades da integração no mundo escolar e académico. Segundo Berger e Luckmann (1974: 127), “A integração e, correlativamente, a questão da plausibilidade subjetiva referem-se a dois níveis. Primeiro, a totalidade da ordem institucional deveria ter sentido simultaneamente para os participantes de diferentes processos institucionais”. O que não se verifica: o sistema de ensino público gera, de forma distinta, os alunos do ensino privado, sendo que os últimos obtêm mais elevados resultados, de forma a entrarem mais facilmente nas

instituições de ensino superior públicas – nas quais são exigidas classificações de maior substância. Por outro lado, “(...) a totalidade da vida do indivíduo, a sucessiva passagem pelas várias ordens de uma ordem institucional, deve ser tornada subjetivamente significativa”.

Desta forma, a pertença a uma instituição de ensino é concomitante com a identidade do ator social. Segundo Dubar (1991: 113), “Le premier concerne l’attribution de l’identité par les institutions et les agents directement en interaction avec l’individu”. É quase impossível separar o ator social da instituição de ensino ou do curso que este frequenta ou frequentou. É deveras curioso como, numa apresentação de uma pessoa, uma das primeiras coisas que esta revela é precisamente isso – o curso ou a instituição de ensino que frequenta ou frequentou. Faz parte da sua identidade e é altamente definidor daquilo que um indivíduo é, em termos de identidade pessoal e profissional. Um indivíduo passa, no mínimo, um terço da sua vida mergulhado em questões profissionais e na sua profissão, tornando-se, portanto, altamente frisante o modo como uma simples palavra, o nome da sua profissão, o define. As profissões acabam por se converter em categorias pré-definidas. Basta perceber se o indivíduo se identifica com essas peculiaridades relativas à categoria ou se as cria mediante o tempo que passa em preparação para se incluir nessa categoria (vulgo, profissão).

Observa-se, comumente, uma disparidade nos resultados académicos obtidos por diferentes alunos em diferentes instituições. Os alunos de instituições privadas, ao nível secundário, possuem médias de entrada nas faculdades mais exigentes. Maior parte dos alunos de cursos como Medicina e Direito são detentores de médias formadas em instituições secundárias de cariz privado. Com turmas mais diminutas, obtém-se uma maior proximidade face ao desempenho do estudante – o que é contrário ao que se verifica em salas mais numerosas, nas instituições e escolas secundárias de cariz público.

No exemplo de disciplinas inerentes à área social, como a Sociologia ou a Educação Social, são adquiridas, por via da escolarização no ensino superior, competências de reflexão e análise sobre a situação adjacente às dinâmicas de organização e transmutações sociais.

O sucesso escolar corresponde a uma gama de peculiaridades sociológicas bastante binárias – o que tem sucesso, e aquele que é um caso de insucesso. Segundo Dubar (1991: 20), “Si les élèves appartenant à des familles en structuration souple sont significativement plus solvante ‘en avance’ que les autres c’est que leur environnement familial facilite leur développement mental qui s’exprime dans leur réussite scolaire”. Portanto, há uma correlação impressa no âmago do desenvolvimento e sucesso escolar face à família e aos laços familiares que se transmitem de geração em geração.

A Sociologia insta-nos a perceber o seguinte. No âmbito das questões identitárias, e potencialmente aplicada às questões escolares e académicas, pode-se inferir a existência daquele a quem chamam o dominante e o dominado. O dominante é amiúde relativizado como sendo o fator masculino, ao passo que o dominado se associa por uma relação estereotipada à imagem da mulher e do elemento de feminilidade. Segundo Brandão (2010: 24), “(...) os dominados parecem ‘atribuir-se o que a distribuição lhes atribui, recusando o que lhes é recusado (...), contentando-se com o que lhes é outorgado, medindo as suas esperanças pelas suas hipóteses (...)”. O dominado revela-se coloquialmente submisso perante as atitudes do ser dominante; aceitam o veredicto que lhes é atribuído com introversão e uma quase que apatia e conformação com aquilo que houvera sido estipulado pela economia, de forma que se aludem àquilo que lhes estava destinado.

A sociedade é grandemente pressionada pela competição social. A competição social é concernente à rivalidade entre concorrentes individuais ou coletivos, tendo em vista a obtenção de um ganho, segundo regras ou normas comuns e determinantes de comportamentos autorizados. Poderão referir-se a diversas formas de competição, coexistindo competição entre indivíduos ou intergrupais. É mencionada a competição social quando existe rivalidades entre indivíduos ou grupos sociais tendo como objetivo a obtenção de uma posição social, económica ou de prestígio, cultural ou de poder.

A construção do sucesso passa por compreender em maior parte a questão concernente à luta, concorrência e seleção social. Segundo Weber (sem data: 63), “Denominar-se-á luta uma relação social quando a acção se orienta pelo propósito de impor a própria vontade contra a resistência do ou dos parceiros”. A partir daqui, há os designados

meios pacíficos de luta – ou seja, aqueles que não necessitam do uso da violência física efetiva.

A luta e a concorrência levam tempo e prolongam-se no mesmo. Segundo Weber (Idem), “Toda a luta e concorrência típicas e em massa levam a longo prazo, no fim de contas, não obstante os muitos e decisivos acasos e destinos, a uma selecção dos que possuem em maior medida as qualidades pessoais (...) para a vitória no combate”. O sucesso é uma vitória, o insucesso, socialmente visto como um fracasso – uma perda na batalha. A competição social traduz-se grandemente na construção social do sucesso escolar, equiparado com a vitória no campo da guerra.

Torna-se premente analisar a construção social do perfil do aluno, em seguida. O aluno adquire esta designação desde muito cedo, sempre tendo em atenção quem ele é enquanto pessoa. Todavia, quando o tempo vai passando e deslizando pelos anos escolares, torna-se mais intrigante compreender a forma como o aluno demarca aquilo que é, enquanto indivíduo, daquilo que construiu ao longo do seu percurso escolar, enquanto estudante – ou seja, as aprendizagens que basificou desde o pré-escolar até ao, nos casos em que se aplica, ao ensino superior.

Com tantos anos de escola, liceu e ensino superior, principalmente nos casos em que se aplica uma seguida para mestrado ou doutoramento, é difícil destrinçar aquilo que se é enquanto pessoa na sua individualidade, daquilo que se é enquanto estudante matriculado no ensino. Depois, também, é necessário ter em consideração que a escola, da forma que se vai desenrolando, tem como grande finalidade a definição da identidade profissional. Na passagem para o ensino secundário, em Portugal, são propostas ao aluno quatro áreas de estudo, pelo que ele somente poderá seleccionar uma. As áreas de estudo são Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Artes Visuais e Línguas e Humanidades. Consoante a área seleccionada, nos anos décimo primeiro e décimo segundo, são realizados exames específicos para as entradas no ensino superior. Note-se, claro, que a especificidade destes exames é grandemente fulgural, pelo que um aluno de Humanidades não poderá realizar um exame de, por exemplo, disciplina de Desenho, a não ser que pague o exame e vá como autoproposto.

Os alunos que deixam a escola após a conclusão de uma área de ensino obrigatória, optando por não evidenciar uma seguida para o ensino superior, tornam-se vítimas de uma violência simbólica, segundo Bourdieu na sua Teoria da Reprodução. Assim, segundo Abrantes (2023: 3), “a ação pedagógica supõe uma “violência simbólica” sobre os grupos sociais que não partilham as mesmas linguagens, valores e disposições. Baseando-se numa cultura urbana, burguesa e erudita, a escola acaba assim por favorecer os jovens provenientes destas classes sociais e penalizar os originários de contextos mais humildes, legitimando assim a reprodução da estrutura social “. Comummente, existe uma desvalia concomitante de classes sociais, no tocante aos níveis de educação a que o indivíduo estudante se propõe – isto seguindo, portanto, o raciocínio debutado por Pierre Bourdieu.

Não é com relutância que devemos beber um pouco da teoria marxista, tanto como de outras teorizações, de forma a conceber melhor uma linha de análise. Segundo a linha de pensamento marxista, o Estado contribui com um aparelho ideológico, que sobejava na manutenção dos princípios ideológicos concebidos pelas classes dominantes – sendo que, através da Educação e do sistema de ensino, as ideias dominantes legitimam e executam a manutenção do seu poder.

Numa análise mediante o autor John Dewey já se perspectiva de uma forma diferente. Segundo Abrantes (2023: 2), “a educação pública constituía um alicerce fundamental da democracia, permitindo uma socialização precoce e duradoura dos cidadãos numa mesma cultura.” Desta forma, propunha-se que as escolas funcionassem de forma concomitante com os elementos da democracia, de modo a imergir os jovens nas questões cívicas, prementes da vida quotidiana.

De forma a instituir uma visão mais funcionalista, Émile Durkheim, autor da obra “O Suicídio”, também escreveu acerca da educação, destacando-se prementemente com as suas ideias. Durkheim defende que a escolarização se traduz numa instituição central na socialização dos jovens e crianças, de modo a perpetuar uma transmissão de cultura entre diversas gerações. Segundo Durkheim, portanto, a educação e a escolarização constituíam uma base sólida para a socialização e integração social.

Todavia, com o passar do tempo e o aparecimento de mais teóricos da Educação, formados em áreas de humanidades e sociais, o panorama da educação viu mudanças a ocorrerem. Segundo Abrantes (2023: 3), “Esta linha de estudos sociológicos conheceu, desde então, grandes sofisticações, em termos teóricos e metodológicos, até porque foi confrontada frequentemente com argumentos, provenientes do espaço público, de que a expansão dos sistemas educativos estaria a dissipar o peso das desigualdades de origem”. Aclama-se, deste modo, a emergência de profissionais da educação-

A população portuguesa é cada vez mais escolarizada. Os dados da Pordata confirmam isso mesmo. Há cada vez menos pessoas que não estejam escolarizadas e o maior número das que frequentam estabelecimentos de ensino superior do sexo feminino passam os 50 por cento.

Segundo os dados da Pordata, analisando matriculados no ensino superior, tendo como definição o sexo da pessoa matriculada, denota-se que, em 2023, foram 241,356 jovens mulheres que entraram para o ensino superior, ao passo que os jovens do sexo masculino foram de uma quantia ligeiramente mais baixa – mais concretamente, 204, 672 jovens do sexo masculino. Todavia, os números de anos passados possuem uma disfasia mais urgente – por exemplo, em 1992, foram 93.298 jovens do sexo masculino, deparando-se com uma quantia de 125.019 jovens do sexo feminino.

3. Sexo, Género e Socialização de género

O género remete à identidade de género, tendo em atenção a sua divergência mediante o conceito de sexo. Enquanto o sexo se remete a uma condição biológica e inerente aos caracteres sexuais primários e eventualmente secundários. No entanto o género consiste numa identidade que se constrói no âmago do ser humano, durante o seu crescimento. Segundo Giddens (2008: 676,“(…) os sociólogos utilizam o termo ‘sexo’ para se referirem às diferenças anatómicas e fisiológicas que definem os corpos masculino e feminino”. O sexo é, portanto, uma dualidade identitária que se esgota no feminino e no masculino, salvo, claro, raras exceções. No âmbito do sexo, há pouco a

dizer, uma vez que o conceito de género é muito mais frutífero e prolifera com o passar do tempo. Segundo Giddens (2008: 676), “A distinção entre sexo e género é fundamental, pois muitas diferenças entre homens e mulheres não são de origem biológica”.

O género comporta-se estando em constante construção. Desde o momento em que o sexo de um bebé é visível numa ecografia, os pais e mães elaboram uma construção de género no próprio enxoval das crianças. Cor-de-rosa para as meninas, azul para os rapazes. “O cerne do debate consiste realmente na importância atribuída ao papel da aprendizagem; no que diz respeito à análise das diferenças de género, alguns autores dão maior destaque às influências sociais do que outros” (Giddens, 2008: 676). Uma construção de género bastante severa poderá ter repercussões no futuro da criança, no caso de esta não se identificar com o seu sexo biológico, mas sim com o sexo oposto. Neste caso, haverá toda uma transmutação que levará ao centro de uma viragem na vida de uma pessoa, assim como na vida de famílias e amigos relacionados com essa pessoa. Surgem, assim, identidades dentro do guarda-chuva LGBTQIA+. As mulheres lésbicas, bissexuais, os homens gays e bissexuais, assim como as pessoas transgéneras e assexuais, são pessoas cujas identidades sexuais fogem a uma norma heteronormativa. As suas expressões de identidade de género também poderão divergir do âmbito heterossexual. Não é incomum uma mulher homossexual ser um pouco mais masculina do que uma mulher heterossexual, assim como é usual a presença de maneirismos femininos em alguns homens homossexuais.

A socialização de género, nos dias que passam, é mais inclusiva e menos incisiva, o que permite dar liberdade àqueles que se demarcam dos estereótipos enquadrados em sociedade. Atualmente, o rosa já não é exclusivamente dedicado às meninas e o azul pode até ser usado pelas últimas. Os homens usam saias, as mulheres usam calças. Ainda existe um certo preconceito, no entanto, encontra-se muito mais esbatido, em comparação com tempos passados. A socialização de género constrói-se ao longo da vida e não se esgota na infância. É no âmbito da socialização de género que se compartilham as desigualdades de género. E o mais incrível é que as desigualdades de género são participadas nas diferenças inerentes ao sexo biológico. “As crianças, através do contacto com diversos agentes de socialização, primários e secundários, interiorizam

progressivamente as normas e as expectativas sociais que correspondem ao seu sexo. “ (Giddens, 2008: 677). A cada passo que damos na nossa vida, a socialização de género encontra-se presente. As expectativas sociais que outrem espera de nós estão fortemente enraizadas no género e no sexo biológico ao qual pertencemos. Existem profissões com uma camada de género masculino mais premente, como as engenharias, e profissões mais orientadas para o cuidado, nomeadamente as ciências sociais e serviço social – que são, por sua vez, perspetivadas como mais femininas. O cuidado de outrem é comumente associado às mulheres, pois estas são enquadradas numa sociedade que espera que estas se tornem mães e que, passo a expressão, cuidem.

Ao invés daquilo que é expectável das mulheres, os homens são percecionados para um futuro em que trabalhem em profissões mais notáveis, exigentes de uma maior força física, rececionando um pagamento maior do que as mulheres, uma vez que estas não são expectáveis na mesma linha de pensamento. Segundo Brandão (2010: 59), “O género, oposição fundamental que estrutura o mundo e a ordem dos objectos nele existentes (Bourdieu, 1998a) aparece, portanto, como o traço externo e visível da identidade sexual, marcando, em primeiro lugar, o corpo e a consciência e moldando-os segundo um princípio simbólico de (des)equilíbrio que sustenta a heterossexualidade normativa”.

São várias as perspetivações de género. Uma das teorias que abarca a socialização de género é a perspetiva e teoria funcionalista, mediante a qual “(...) os agentes de socialização contribuem para a manutenção da ordem social ao supervisionarem uma socialização suave do género nas novas gerações” (Giddens, 2008: 678). Uma interpretação muito rígida dos papéis sexuais e da socialização de género já não é vista com bons olhos e, além disso, transmuta-se mediante toda uma gama de críticas que espelham uma nova forma de visionar a socialização de género e os próprios papéis de género. Muitos autores defendem, ainda, que o processo de socialização de género não se trata de um processo suave – ou seja, pode haver uma contradição na escola, família ou trabalho, que mude os conflitos que se estendam.

Segundo Brandão (2010: 34), “Se a ruptura com uma certa definição da realidade e da identidade implica a produção de uma definição alternativa, isto tem também resultados diferentes consoante estejam em causa indivíduos isolados ou organizados,

podendo conduzir (...) a uma situação de ‘desvio’ ou a uma ‘desorganização social’ susceptível de transformar a ordem existente (Berger e Luckmann, 1989: 145)”. No intuito de ocorrer uma rutura com as causalidades do que é considerado “normal” ou “aceitável”, torna-se imperioso considerar momentos de desvio ou de uma desorganização social iminente. Uma desorganização social não define, não obstante, um determinado momento. Sendo que “Não eliminando a eventual revolta contra os conteúdos da categoria e o sentimento de alienação que pode acompanhá-la, ela traduz-se (...) na incapacidade ou impossibilidade de ultrapassar a classificação (...)”

Sendo assim, “É importante lembrar que os seres humanos não são objectos passivos ou receptores inquestionáveis de uma ‘programação’ do género, como alguns sociólogos sugeriram” (Giddens, 2008: 678). Ou seja, tendo todo um leque de influências transmissoras de regras e modelações de papéis de género, o ser humano não é um ser somente passivo no ato de rececionar estas modelações, tendo por base um pensamento crítico e pesado no ato de receção das informações. Daí muitos seres humanos rejeitarem certos papéis estereotipados de género e sexuais, de forma a comportarem-se de uma forma mais próxima do sexo oposto ou de uma rejeição de protagonismos de género.

É importante ter, também, em foro de causa, as tecnologias reprodutivas. Por exemplo, durante uma gama de anos significativa, o papel da mulher era o parto e a maternidade (podendo, também, ser incluído aqui o casamento). Na atualidade, muitas mulheres não se identificam com este protagonismo estereotipado de género e preferem, portanto, investir numa carreira, e, por exemplo, ao invés de casar, optam por coabitar ou permanecer sozinhas, nas suas casas. Na Europa e nos Estados Unidos era comum, outrora, as mulheres terem até 20 gravidezes – algo que, nos dias que correm, é praticamente impensável (pelo menos nas sociedades mais avançadas)! Não obstante, em países em desenvolvimento, é mais comum ainda existir este número elevado de gravidezes. Por exemplo, a taxa de fertilidade na África Subsariana estima-se sendo o dobro da média mundial estabelecida.

O tema do casamento também se transmutou ao longo das décadas. Seria interessante ter em atenção que, nos dias que correm, o casamento não se define como algo tão “necessário” e “indispensável”. Cada vez mais, há pessoas, tanto homens como

mulheres, que optam por não casar – tendo, mesmo nesse âmbito, uma boa qualidade de vida. Tratam-se, simplesmente, de opções tomadas, tanto por elementos do sexo feminino, como por elementos do sexo masculino. Curiosamente, as pessoas que já foram casadas são aquelas que têm uma maior probabilidade de tornar a casar, o que sublinha e torna mais veemente a questão da opção e da escolha. Segundo Sacareno e Naldini (1992: 153), “A separação entre sexualidade, casamento e procriação tornou-se clara, portanto, em todas as direcções, perturbando as sequências normais e esperadas mesmo há apenas vinte ou trinta anos.” Sendo que a demarcação entre casamento, sexualidade e demarcação se tornou vincada e legível, torna-se então necessário frisar o seguinte: para cada uma delas acontecer na vida de uma mulher, as outras já não são necessárias e indispensáveis para a ocorrência. Se uma mulher desejar procriar, já não necessita de estar casada e, com o avanço das ciências médicas, já não precisa de ter relações sexuais para tal. Tornou-se, portanto, bastante fácil e acessível conjecturar a estratificar uma vida familiar, demarcada de uma vida sexual e de uma vida a dois.

São, portanto, interações entre fenómenos assaz distintos. O casamento já não é visto como algo que precede a relação sexual, ao passo que a gravidez também já não é sinónimo de ter uma criança (tendo em atenção as leis do aborto). O casamento, enquanto cerimónia e modificação de estado civil, encontra-se cada vez mais avançado nas vidas das mulheres, nos tempos que correm. Segundo Saraceno e Naldini (Idem), “Subjacentes a estas mudanças estão causas múltiplas e não lineares (...) uma crescente autonomia nos comportamentos e nos consumos das gerações mais jovens, o aumento de escolarização (...) os processos de emancipação feminina (...) contrastantes e heterogéneos”. Portanto, tendo em atenção estas mudanças estruturais na sociedade, torna-se definível o aumento de mulheres que optam por investir na sua escolarização, ao invés de contrair matrimónio e ter filhos mais cedo. Assim sendo, são cada vez mais as mães que o são mais velhas, em contrapartida de uma maior vaga de mulheres escolarizadas. Esta temática é abordada grandemente por Giddens - segundo Torres (2001: 95), “Nas sociedades que chama de ‘modernidade tardia’, ele (Giddens) admite que os indivíduos têm maior capacidade de intervenção na construção da sua própria identidade através da auto-reflexividade e do conjunto de informações disponibilizadas, nomeadamente, a partir das ciências sociais”.

Desta forma, haverá sempre uma correlação entre casamento e identidade pessoal e social. O casamento urge a uma construção da realidade. Segundo Torres (2001: 89), “Partindo do Durkheim que sustenta o papel da integração familiar e conjugal como factor de defesa contra a anomia, Berger e Kellner salientam, pela positiva, o contributo do casamento na produção específica de nomos, isto é, de sentido”. O casamento não previne somente uma série de elementos em bola de neve que desaguam na anomia social e na retração perante uma sociedade, mas sim é também percetor de um sentido dado à vida e à existência, numa perspetiva microsociológica. As perspetivas macrosociológicas amiúde tendem a deixar de parte o elemento unificante que é o casamento. É na fenomenologia de Shutz e Merleau Ponty que surge uma articulação que, da mesma, surge “a afirmação que a relação conjugal é o contexto de relações sociais que constitui um domínio por excelência da produção de sentido e de construção identitária” (Idem).

Nesta linha de raciocínio, o casamento deixa de se aparentar como, muitas vezes se reconhece, “uma prisão”, de forma a compreender as valorizações do ato de união de matrimónio. Berger e Kellner (1964, 1975:303) cit. Torres (2001: 89), o casamento cujo “processo que nos interessa aqui é o que constrói, mantém e modifica uma realidade consistente que pode ser experimentada como fazendo sentido para os indivíduos”. Assim, entende-se que é na construção de ligações com os outros, neste caso os outros “significativos”, que a realidade adquire sentido. Estes processos de produção de sentido são de teor cumulativo, pelo que acompanha cada indivíduo através do seu trajeto biográfico, desde o nascimento até ao seu óbito. Segundo Brandão (2010: 71), “Em cada momento, e no âmbito de cada universo simbólico, apenas se acede e pode usar guiões e vocabulários de motivos que aí façam sentido. Se os guiões constituem sequências de actos que permitem determinar a adequação das condutas a cada situação particular, os vocabulários de motivos são imprescindíveis à leitura da experiência”.

Urge-se, no quotidiano, uma ânsia de rotular. Quem é homossexual ou bissexual, tem de o anunciar; quem é transgénero, idem. Quem é feminista, é imediatamente vista como uma mulher que não quer conhecer um parceiro, nem casar e ter filhos.

4. Metodologia

4.1. Metodologia Qualitativa

“A expressão “ciências sociais” costuma ser usada para indicar as diferentes áreas do conhecimento que se preocupam com os fenômenos sociais, econômicos, políticos, psicológicos, culturais, educacionais, ou seja, aqueles que englobam relações de caráter humano e social” – (Godoy, 1995)

A metodologia empregue neste projeto de dissertação foi a metodologia qualitativa, por ordem de construção de histórias de vida. Com a construção de um guião devidamente preparado, orientaram-se as entrevistadas, jovens mulheres entre 20 e 23 anos.

Uma metodologia de cariz qualitativo marca-se por uma recolha e análise de conteúdo de foro não numérico. Um exemplo ilustrativo de uma recolha não numérica é abordagem por construção de histórias de vida.

Segundo Godoy (1995: 7), “Estamos aqui fazendo referência à pesquisa identificada como “qualitativa”, a qual, apesar de ter sido regularmente utilizada pelos antropólogos e sociólogos, só nos últimos trinta anos começou a ganhar um espaço reconhecido em outras áreas, como a psicologia, a educação e a administração de empresas”.

Não obstante a metodologia qualitativa ser, atualmente, um profuso investimento por parte de sociólogos, psicólogos, antropólogos, entre outros cientistas sociais, outrora foi uma abordagem de difícil solidificação, quando comparada à metodologia quantitativa – ou seja, à recolha e análise de dados de foro numérico, com a ajuda de equações ou programas de leitura desses mesmos dados. Um programa utilizado, no âmbito das ciências sociais, de cariz numérico seria, por exemplo, o SPSS, ou, também comumente aplicado a dados e números de natureza social, o Jamovi.

Segundo Godoy (1995: 5), “Em linhas gerais, num estudo quantitativo o pesquisador conduz seu trabalho a partir de um plano estabelecido a priori, com hipóteses claramente especificadas e variáveis operacionalmente definidas. Preocupa-se com a medição objetiva e a quantificação dos resultados”. Isto não decorre no tocante ao processo de metodologia qualitativa. Para a metodologia qualitativa, são empregues documentos de foro literário. Todavia, há que se ter em foco que “Cabe ressaltar

também que nem sempre os documentos constituem amostras representativas do fenômeno em estudo” (Godoy, 1995: 3).

Embora as diferenças entre pesquisa quantitativa e qualitativa sejam bem demarcadas, há algo que as une: o trabalho de campo. Tanto numa abordagem como noutra, existe a necessidade de ir para o terreno e entrar em contacto com os objetos de estudo. No caso das ciências sociais, este objeto será, naturalmente, constituído por seres e atores sociais, ao invés de um trabalho nas ciências naturais, que comumente envolverá exercícios laboratoriais ou análises em laboratório de células. No trabalho de campo realizado no âmbito das ciências sociais, é natural o usufruto de um diário de campo. Ou seja, um diário no qual se anotem as singularidades e as regularidades observadas aquando do trabalho de campo. Segundo Godoy (1995), “Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada.”

O estudo qualitativo abrange uma série de particularidades que não são vigentes no estudo quantitativo. O abraço com o ambiente que se pretende estudar, por exemplo, é fulcral para a caracterização de uma metodologia qualitativa. As escrituras em diário de campo, embora não estritamente usadas nas ciências sociais (um investigador em ciências naturais pode, muito bem, efetuar a manutenção de um diário de campo), são bastante características de um modelo de construção e análise qualitativo. A pesquisa qualitativa é fundamentalmente descritiva e, por isso mesmo, a forma de escrita científica

Segundo Brandão (2010: 53), “A experiência subjectiva nunca é puramente individual: ela traduz também uma experiência comum, chame-se-lhe social ou colectiva (Hoerning e Alheit, 1995). As histórias de vida, além de traduzirem a experiência e a verdade dos seus narradores, permitem perceber como é que elas são construídas na ligação a outros (significativos e generalizados), a um contexto, às suas convenções e às metanarrativas que o caracterizam (Plummer, 2001)”.

Segundo Brandão (2010: 53), “Não há, na verdade, Sociologia que não passe pelo indivíduo, qualquer que seja a forma como o faz. As experiências subjectivas do mundo

e as suas representações comuns constituem a matéria-prima com que o sociólogo trabalha”.

4.2. Histórias de vida

As histórias de vida são um método qualitativo usufruído comumente por ciências sociais como a Sociologia e a Antropologia que tem por objetivo primordial uma construção de uma biografia, com auxílio de um guião entrevistadito, de forma a compreender a cronologia de vida de um ator social, de uma comunidade, ou de qualquer outra entidade. A história de vida é aplicável a uma vasta complexidade de elementos.

As histórias sempre foram vividas e contadas. Segundo Brandão (2011, pág. 51), “Contam-se histórias sobre o mundo, sobre os outros e sobre si próprio, e todas essas histórias servem a ambição de ordenação da experiência, de atribuição de sentido e de preservação de uma existência”.

As histórias de vida são profusamente complexas, como os próprios seres humanos e as comunidades que estes formam. Uma história é um registo de uma época, de uma forma de vivência da mesma, de sobrevivência. Porque, ao final de contas, somente os que sobrevivem estarão presentes para contar as suas histórias.

Por via da história de vida, somos impelidos para uma dimensão quase que literária e romanesca, pois, por vezes, os atores sociais vivem momentos e peculiaridades que parecem saídas de uma novela. Pois, “Acontece (...) que a ‘alma’, os valores, os ‘contos de fadas’ e as ‘ilusões biográficas’ são elementos constituintes dessa mesma realidade ‘verdadeira’ a que o sociólogo pretende aceder” (Brandão, 2011: 52). Assim sendo, a realidade não se limita aos acontecimentos vividos, também contém as nossas imaginações e pensamentos, tornando as histórias de vida muito mais enriquecedoras e complexas.

A construção de uma história de vida urge uma organização e atribuição de significados às mais diversas ocorrências de ações e/ou pensamentos por parte de um indivíduo, de uma comunidade. Por vezes, uma construção de uma história de vida traz ao de cima

situações nas quais, porventura, o entrevistado nem sequer houvera considerado – sendo que somente nesse momento se aperceba da importância ou da relevância que tal momento teve no seu percurso biográfico.

A história de vida acaba por ser, deste modo, uma técnica de metodologia qualitativa profusamente sociológica, pois “Não há, na verdade, Sociologia que não passe pelo indivíduo, qualquer que seja a forma como o faz” (Brandão, 2011: 53), a sociologia sem o indivíduo não existe, assim, “As experiências subjectivas do mundo e as suas representações comuns constituem a matéria-prima com que o sociólogo trabalha” (Idem).

Ao contrário do que se pode pensar, amiúde as histórias de vida não são somente construídas a partir daquilo que nos é dito pelos atores sociais entrevistados, mas sim também pelos objetos que estes possuem, aquilo que outrem relata acerca dos mesmos. A história de vida é, nesses casos, muito mais profunda e enriquecedora. Assim sendo, “O recurso às histórias de vida permite alcançar a perspetiva única de um indivíduo e o que constitui a sua verdade e a sua realidade; as perspetivas que ele partilha com outros e que constituem as suas verdades e as suas realidades partilhadas (...)” (Brandão, 2011: 53).

4.3. Entrevista semiestruturada

A entrevista semiestruturada é uma entrevista cujo guião está em aberto para alterações. Ou seja, é uma entrevista que, com o decorrer da mesma, poderão ser adicionadas questões adjacentes, isto se o entrevistado/a se demonstrar embrenhado no processo, tornando as questões do guião altamente maleáveis e reprodutoras de mais questões.

É a forma de entrevista usualmente empregue em questões relacionadas com entrevistas para contratações para emprego – isto é, possui um guião planeado de antemão, contudo aberto a alterações que possam surgir.

Para tal, foi realizado um guião prévio para orientar as entrevistadas.

Este guião tem por objetivo orientar a entrevista da qual brotará a história de vida das alunas do ensino superior, debutando pelo presente e indo ao encontro das experiências passadas e perspetivações futuras, tanto no âmbito profissional, como no âmbito da vida pessoal. Pede-se, ainda, que a entrevistada recolha um objeto que simbolize a sua vida e o seu percurso.

As entrevistadas são cinco jovens mulheres, de idades entre os 20 e os 23 anos, frequentadoras do ensino superior nos cursos de Sociologia e Educação Social. Estas idades e formações foram selecionadas de modo a haver um equilíbrio entre as entrevistadas, de forma que os retratos realizados possuam uma maior veracidade e sejam uma fonte mais profunda de conhecimento.

Com esta história de vida pretende-se chegar das histórias de vida das entrevistadas, tendo em especial atenção questões inerentes à família, às disciplinas e aprendizagens, os lazeres, convicções políticas e questões pendentes de religiosidade.

Presente

- Família nuclear e ligações familiares com família mais alargada
- Aprendizagens na área do ensino superior
- Objetivos profissionais no presente
- Desenvolvimento de lazeres no presente (leituras, etc.)
- Quarto e espaço doméstico (numa lógica de Virginia Woolf, inspiração)
- Círculo de amigos e amigas, valor dado aos mesmos
- Práticas recorrentes de sociabilidade
- Práticas e convicções políticas (relacionadas com o feminismo, a homofobia, racismo, aborto, eutanásia, transfobia – convicções partidárias)
- Participação em marchas, por exemplo, pelos direitos da mulher
- Estados de ansiedades relativas ao presente

Passado

- Configuração familiar e ligações com a mesma (pais, avós, tios, primos, mas, sobretudo, irmãos e irmãs)
- Admirações no âmbito da família
- Quais os elementos externos ligados à configuração familiar (por exemplo, vizinhos, ou professores que tenham deixado marca no trajeto de crescimento das entrevistadas)
- Redes de sociabilidade (amizades durante a escola, ou fora da mesma)
- Desenvolvimento de lazeres durante a infância

- Disciplinas preferidas e resultados escolares durante o processo de ensino básico e secundário
- Religiosidade ou ausência da mesma (idas à missa com familiares, catolicismo não praticante ou praticante)
- Desenvolvimento de ansiedades e consumições

Futuro

- Perspetivações de relacionamentos no futuro (amorosos, mas também amizades)
- Configuração familiar ambicionada (filhos, casamento, união de facto)
- Ambições profissionais dentro da área de estudo do ensino superior
- Procedimentos relacionados com os lazeres que ficarão para o futuro (por exemplo, hábitos de leitura)
- Convicções ao nível político e o que fazer para mudar o panorama
- Participação na vida política de juventudes partidárias
- Resoluções perante um estado de ansiedade latente (por exemplo, processos de terapia)

Para finalizar, pede-se à entrevistadas que recolham um objeto que simbolize o seu processo enquanto pessoa e o seu desenvolvimento pessoal. Pode ser uma fotografia de um momento marcante, um livro ou outra espécie de objeto.

5. Retratos e perfis: análise de resultados

5.1. Famílias nuclear e alargada

“(...) o estudo das diversas formas familiares constitui, por outro lado, uma passagem importante para a compreensão do modo como uma sociedade e um grupo social, ao organizarem materialmente a sua vida quotidiana (...)” – (Naldini e Saraceno, in Sociologia da Família)

As primeiras questões integrantes do guião da entrevista remetem ao presente das jovens mulheres entrevistadas. Assim sendo, a primeira questão aborda a temática da família nuclear e ligações familiares com família mais afastada, para debutar a história de vida. Nesta ótica, pretende-se compreender o legado familiar e as ligações que basificam as experiências de vida que constituem as peculiaridades do processo altamente fulcral que se dá por socialização primária – ou seja, por intermédio da família. Para tal, recorre-se à literatura de Naldini e Saraceno (2003: 18), para entender que “Com efeito, é dentro das relações familiares, tal como são definidas e regulamentadas, que os próprios acontecimentos da vida individual que mais parecem pertencer à natureza recebem o seu significado e através deste são entregues à experiência individual”. A socialização na infância é conspícua e tem por base uma tela branca, analogia com a criança à nascença, numa lógica de David Hume e na sua teoria da Tábua Rasa.

Nesta linha de raciocínio, entende-se que é na família que as experiências individuais são mais altamente processadas, de forma a executar uma compreensão do mundo. É na experiência em família que o individual toma conta dos acontecimentos na sua experiência individual. No entanto, não é sempre na família que se encontram afinidades. Segundo Lopes (2022: 147), “Não negamos a existência de afinidades ou convergências, mas descobrimos também heterogeneidades e contradições”. Isto verifica-se potencialmente com as entrevistadas

Na primeira entrevista, a primeira entrevistada todos os familiares, porém, no âmbito de família mais alargada, esta diz o seguinte: *“digamos assim, não falo diariamente, mas fazemos questão de estar pelo menos uma vez por ano todos juntos e de falar durante o mês – só que, como em tudo, falamos mais em épocas festivas, como tal o Natal, o*

aniversário”. Segundo Lopes (2022, pág. 137), “No início era a família, o meio ‘social’ por excelência, contexto onde a aprendizagem é tão mais perene e incorporada quanto mais se vive como o ar que se respira”. As ligações familiares transmutam-se numa pluralidade de formatos que torna impossível nomear os mesmos na sua totalidade. Há quem adore os seus pais, quem tenha preferência por um dos progenitores, ou progenitoras, ou quem não tenha uma família de base, como crianças e jovens confinados a instituições. Urge-se, no entanto, com um olhar sociológico, adquirir um “olhar de filigrana sobre as famílias enquanto teia de relações sociais justapostas, reticulares e interdependentes” (Idem: 137). A família é um mundo cheio de práticas, moralidades, reciprocidades, reflexões e oportunidades de crescimentos incontornáveis. Não será por acaso que a infância, as suas mutabilidades e práticas, ou traumas, se vejam amiúde a serem discutidas, por exemplo, num gabinete de psicologia clínica. Torna-se, então, de relevância extrema debutar o guião de entrevista focalizando e orientado uma “câmara fotográfica sociológica” nos contextos, fundações e fundamentos da família de origem, sempre dando espaço para uma abertura a análise de ligações com família mais alargada.

Nesta perceção, a família nuclear revela-se um porto de abrigo, uma comunidade em que a primeira entrevistada, pode ser ela mesma, sem enfeites e berloques, sem um processamento da identidade que esta utiliza para transparecer nas suas ligações sociais. A família é um espaço seguro e a sua casa é um local de repouso. No entanto, compreende-se que a família mais alargada é mais “estrangeira” nas suas conexões. Portanto, denota-se aqui uma dualidade, de forma a interpretar que “a par das imagens também contemporâneas da família-refúgio, da família como lugar de intimidade e de afectividade, espaço de autenticidade, arquétipo de solidariedade, de dimensão privada, temos as imagens da família como lugar de inautenticidade (Naldini e Saraceno, 2003, pág. 19). No campo da família alargada torna-se mais complicado mostrar com transparência quem somos, com quem nos relacionamos e o que fazemos em tempos de lazer. Desta forma, amiúde, um jovem homossexual não será homossexual em torno de familiares como os avós, mas sê-lo-á, mais livremente, em contexto de família mais restrita. Torna-se premente efetuar a distinção entre família nuclear e família alargada. No caso da primeira entrevistada esta revela uma distinção que faz face à sua família

alargada, quando inquirida acerca das suas relações familiares no passado – *“Relativamente ao meu passado... a nível de ligação, não cortei ligação com ninguém. Há uma pessoa que não falo, sequer anualmente, que falo só de vez em quando, quando calha fazemos uma chamada. Mas também não faço questão de manter essa ligação”*. É comum cortar laços com algumas pessoas, no âmago do crescimento e desenvolvimento, assim como no âmbito das socializações primárias e secundárias. No entanto, mantêm-se as cordialidades.

A segunda entrevistada tem 20 anos e afirma que é *“muito chegada”* aos membros da sua família nuclear. Esta considera como família nuclear os seus pais, a sua irmã e os seus avós.

Seria pertinente distinguir, no âmbito da família, duas particularidades distintas – o sexo e as gerações. Não é ultrajante assumir que condições como o sexo e a idade influenciam a forma como as ligações familiares são manuseadas. “É o lugar em que o facto de se pertencer a um sexo se torna, e é experimentado como colocação social: como género, para usar o termo proposto pelas análises feministas” (Naldini e Saraceno, 2003: 21) - não se esgotam as particularidades na definição da sexualidade e necessidades fisiológicas de reprodução, mas sim são formas de fatos que se alinham de modo a percorrer o destino, que amiúde se apresenta distintivo para homens e mulheres. A família é um espaço histórico e simbólico onde se encontram enraizadas as formas de convivência, conveniência, competências, dos valores e dos destinos dos homens e das mulheres. E estes destinos são profusamente diferenciados. É no âmago da família enquanto instituição que se desenvolvem os fatos pessoais tanto de homens como de mulheres. Seria pertinente mencionar que, segundo Lopes (2023: 156), “Em certa medida, vislumbra-se um modelo híbrido de relação com os pais: por um lado, grassam os afetos e a família baseia-se na relação, na reciprocidade ou até na fusão; por outro, insinuam-se na socialização explícita ou mais difusa mecanismos de antecipação da idade adulta, na realização de tarefas várias, no saber desenvencilhar-se e numa certa disposição ascética de contenção perante o consumo”.

Nesta linha de pensamento, torna-se compreensível uma distância maior à família alargada por estas jovens mulheres. São mulheres de estudo, que ambicionam ser mulheres de carreira, e que, como se encontra visível em várias das histórias de vida que

partiram das entrevistas, não colocam a concepção de casamento e família em primeiro lugar – ou seja, antes dos estudos. Deste modo, não se enquadram no modelo feminino que vigorava outrora, mas é sempre na família “(...) que o facto de se pertencer a um determinado sexo se torna um destino social, implícita ou explicitamente regulamentado (...)” (Naldini e Saraceno: 21). Segundo Torres (2001: 58), “(...) de forma genérica pode dizer-se que as mulheres, por volta de finais de 50, não encaravam o seu trabalho fora de casa numa lógica de carreira, mas sim numa lógica de complemento ao salário feminino”. No entanto, nos dias que correm, já se encontram mulheres, na área da sociologia da família, tanto como objeto como sujeito – e aí se encontra uma diferença de magnitude tremenda, quando em comparação com os anos 50. As mulheres, nos presentes anos que se vivem, almejam uma maior grandeza, com os seus estudos e carreiras.

No entanto, tem-se, para análise, o caso da terceira entrevistada, de 23 anos. A terceira entrevistada é uma jovem aplicada e focada nos estudos -, mas, ao definir a sua família nuclear, inclui, ao invés das restantes entrevistadas, o seu namorado. Ao falar da sua família, esta diz o seguinte: *“A minha família nuclear é constituída pelo meu pai, a minha mãe, a minha irmã e, honestamente, também sinto que posso incluir o meu namorado... claro, para mim é super importante”*. Esta entrevistada frisa que é, para si, bastante importante incluir o seu parceiro, o que revela uma trajetória mais aberta ao incluir membros de fora da família no seu círculo familiar mais íntimo (o que diverge de, por exemplo, incluir os avós no círculo, o que é já mais comum para outras entrevistadas). O seu núcleo é, portanto, constituído pelos seus pais, pela sua irmã e pelo parceiro.

A entrevistada terceira fala longamente acerca da sua família alargada, a qual possui uma grande constituição. Segundo a mesma, *“Família alargada, bem, eu tenho... eu tenho uma família grande, bastante grande. Do lado da minha mãe, eu mais três tias e um tio. Uma dessas tias é minha madrinha, eu dou-me com toda a gente, dou-me com todos esses meus tios e tias e respetivos maridos e mulheres, e também com os filhos, que são os meus primos.”* Na sua narrativa, fala também do tema das mortes na sua família, algo que ainda não fora abordado nas entrevistadas anteriores a esta. A terceira entrevistada afirma que, na verdade, teria dois tios, da parte do pai, no entanto um deles já falecera – portanto, será somente um tio, um irmão do seu pai.

A terceira entrevistada revela encontrar-se mais ligada à sua família paterna, uma vez que a sua família materna se encontra essencialmente em França. Tal como no caso da segunda entrevistada, 20 anos, que também possui família alargada na Alemanha e no Canadá.

A terceira entrevistada fala abertamente sobre o seu passado, a nível de configuração familiar e fala acerca de um evento traumático, ocorrido aquando da estada da sua família nuclear em casa dos avós, por motivos de falta de rendimento para obtenção de casa própria. Segundo a terceira entrevistada

“Fomos expulsos porque uma irmã da minha mãe que veio passar umas férias armou lá uma confusão e, pronto, começou a tratar mal a minha mãe e o meu pai, a dizer que estavam lá a aproveitar-se dos meus avós e do dinheiro deles e tudo mais. E eu lembro-me de me meter entre ela e a minha mãe, porque ela até apelidou a minha mãe de tola ou louca, algo do género, e eu meti-me no meio e disse “ninguém vai chamar tola à minha mãe se eu tiver a ver, não deixo que lhe chamem isso”. E é assim, eu tinha 17 anos, eu estava a tremer de raiva por tudo o que era lado. Acho que... acho não, eu não olhava para o meu passado como algo traumático, só olhava “pronto tive algumas dificuldades, como toda a gente na vida”, mas, hoje em dia, depois de todas as consultas que tive, sei que efetivamente foi um passado traumático”

Tudo o que envolvesse coisas deles, se eu pudesse evitar, eu evitava, a minha mãe também

A terceira entrevistada conta que a mãe almoçava no seu quarto, sem partilhar sequer a mesa com os avós da entrevistada. Na decorrência desta alteração, durante o seu dia na escola, a terceira entrevistada ligava religiosamente todos os dias a sua mãe para saber como é que esta se encontrava, o que, pelas palavras da entrevistada, não deveria ser um fardo tão pesado para, com somente 17 anos, carregar. Segundo as palavras da terceira entrevistada, *“Todo o ambiente era muito hostil, muito agressivo, depois dessa briga, eu não falava com os meus avós, eu entrava em casa, eles, pronto, estavam lá, eu não dizia nem boa tarde, nem boa noite, nem bom dia, não dizia nada, não pedia nada, eu tinha o hábito de ver televisão, porque o meu avô tinha e tem Meo, eu tinha o hábito de ver televisão, deixei de ver televisão”*. Com um suspiro, a terceira entrevistada conclui

que o seu passado a nível familiar foi profusamente traumático e é ainda algo com que está a aprender a lidar no âmbito das suas consultas de terapia. Segundo Brandão (2010: 179), “Os outros são o suporte da identidade do actor, garantem o seu sentido de continuidade e contribuem para a sua auto-estima através do reconhecimento do seu valor pessoal e social (Strauss, 2002; Goffman, 1989; Mead, 1962). A sensação de corte com eles é fonte de sofrimento porque impede a partilha e a sustentação do Eu”.

Quanto à quarta entrevistada, esta fala mais concretamente acerca das suas ligações familiares externas, com os avós. Tem uma ligação mais forte com o lado materno do que com o paterno. Nas palavras da entrevistada, *“Não tenho muita ligação com a família do lado paterno. Tenho mais ligação com o lado materno, com tios, tios – avós. Tenho alguma ligação e uma boa ligação. Temos uma mínima ligação de cordialidade. Só mesmo com os avós maternos é que são mais profundas.”* Uma resposta sucinta ao que foi inquirido. Não fica muito por analisar. Todavia, não deixa de ser curiosa esta ligação com os avós maternos, ao invés dos avós paternos.

Avançando para a quinta entrevistada, conseguimos compreender que esta entrevistada possui uma família bastante alargada. Segundo a própria, *“A minha família é assim um bocado fora do normal, mas okay (risos). Damo-nos todos muito bem, ninguém discute com ninguém. Todos os dias, nós não falamos todos os dias, até porque somos 50 e tal, só do lado do meu pai e somos 20, da minha mãe. Mas quando estamos todos juntos damo-nos todos muito bem, não há qualquer tipo de problema”*. É curioso como as famílias de entrevistadas com idades tão similares conseguem apresentar tantas diferenças. No caso da terceira entrevistada, cujo caso, uma família numerosa se demonstrou uma fonte de problemas, ao passo que, no caso da quinta entrevistada, entrevemos uma família bastante numerosa, porém alegre e sem alterações.

Quando inquirida a falar mais abertamente acerca da sua configuração familiar no passado, a quinta entrevistada, elabora um pouco mais e diz o seguinte – *“Foi boa, porque se não tivesse sido, acho que não teria esta boa relação que tenho com a minha família. Eu tenho uma irmã mais velha 8 anos. Na minha adolescência, ela foi para a faculdade, ela tirou arquitetura, então esteve 6 anos a viver no Porto, então tive de me desenrascar sozinha. Estive, na minha adolescência, um bocado revoltada, mas continuei a ter muito apoio, ela continuou a apoiar-me muito. No presente, temos uma relação*

muito forte. Tanto com a minha irmã, como com os meus pais”. Com esta resposta, já se consegue compreender melhor os pontos positivos e os pontos negativos destas infância e adolescência enquanto processo de crescimentos. Apesar de se dar bastante bem com os seus pais e com a irmã, a quinta entrevistada revela algo a que não se tinha referido até este ponto da entrevista – a ida da sua irmã para a faculdade. Analisando as palavras a entrevistada, encontra-se um ponto de rutura no seu crescimento, o qual consistiu, precisamente, no afastamento que sofreu ao lhe ser “tirada” a irmã. Como a quinta entrevistada menciona no tocante aos seus lazes (analisado num capítulo mais à frente), a irmã foi a razão pela qual começou a fazer algo que lhe dá, ainda hoje, uma tremenda satisfação. Ou seja, o canto. Com a partida da irmã, analisando a entrevista desta entrevistada de fio a pavio, entrevê-se um foro de sofrimento e uma revolta sentida aquando da separação das duas irmãs. Não é incomum, nestas entrevistadas, a ocorrência de uma ligação forte com os irmãos ou irmãs. No caso da quarta entrevistada, é notório o afeto que esta detém pelos irmãos mais novos.

5.2. Configuração familiar ambicionada

“Há 100 anos, Durkheim elabora em França a análise fundadora da passagem da família paternal e patriarcal à família conjugal moderna e ajuíza sobre a condição feminina de forma relativamente lateral” – (Anália Torres, in Sociologia do Casamento)

Nem todas as entrevistadas manifestam o desejo de casar e formar família – na sua maioria, são solteiras e não estão com entraves para o que a vida lhes poderá reservar.

Segundo a segunda entrevistada, *“Em relação ao casamento, eu não tenho o sonho de me casar, mas se vier a acontecer, tudo bem, não me importo. Pretendo é ter alguém de quem goste na minha vida e pretendo ter filhos, isso eu queria, gostava muito de ter filhos.”*

Várias entrevistadas manifestam uma vontade de ter filhos e de serem mães. Segundo Lopes (2022: 142), *“As famílias nucleares de que fazem parte resultam de um processo tardio (...), em que se combinam o êxodo rural, a emigração, a urbanização e litoralização da população, a feminização crescente do mercado de trabalho (...) a dissociação entre conjugalidade e procriação, a diversificação dos próprios modos de viver em conjunto, cada vez menos institucionais e mais relacionais”*. Observa-se, nestas entrevistadas, as modas do atualmente. Não são ambições destinadas a casar e a ter filhos, porém muitas delas gostariam de os ter numa eventualidade, não numa obrigatoriedade.

Seria interessante observar as palavras da quarta entrevistada, no tocante à sua configuração familiar ambicionada. Segundo a mesma, *“(...) futuramente, a nível amoroso, eu não sinto uma necessidade, que seja uma necessidade futuramente, de ter alguém ao meu lado. Eu quero ser muito mãe, e sei que pode-se adotar e acho que irei para esse caminho caso não tenha um parceiro, porque eu não sinto realmente necessidade disso, de ter um parceiro. Acho que sou muito autónoma e independente”*. Esta entrevistada, aliás, ao longo de toda a sua entrevista, demonstra-se uma pessoa muito decidida e independente, desde perspetivas profissionais como perspetivas

peçoais, e até relativamente aos seus laeres. Não é pouco comum nas entrevistadas estas não saberm aquilo que ambicionam – todas elas são alunas de excelência, com notas e aproveitamentos elevados, que trabalham afincadamente para o que desejam. Todavia, no caso da quarta entrevistada, esta determinação é mais profunda e sublinha-se com uma grande intensidade. Esta sabe exatamente o que quer, sabe aquilo de que precisa (para tal, basta olhar para as suas palavras no capítulo relativo às ambições profissionais), e afirma sem preâmbulos que não sente necessidade de um parceiro para satisfazer alguma espécie de desejo. Não visiona uma parceria amorosa no futuro e não tem receio de o verbalizar.

No entanto, a quarta entrevistada revela um desejo premente de ser mãe e reciprocamente a relação que tem com a sua família nas suas ligações familiares futuras. Segundo as palavras da entrevistada, *“Então, futuramente, a nível amoroso, eu não sinto uma necessidade, que seja uma necessidade futuramente, de ter alguém ao meu lado. Eu quero ser muito mãe, e sei que pode-se adotar e acho que irei para esse caminho caso não tenha um parceiro, porque eu não sinto realmente necessidade disso, de ter um parceiro. Acho que sou muito autónoma e independente”*. No entanto, não se crê que isto terá a ver somente com o facto da quarta entrevistada possuir dois irmãos mais novos. Segundo Lopes (2022: 145), “A socialização de filha única, ao contrário do que apressadamente se poderia pensar, sobretudo se tomarmos como referência as representações sociais de classe média, não significa dependência ou narcisismo excessivo.

Tornemos à primeira entrevistada. Esta revela, ao contrário da quarta entrevistada, que só tem um irmão, pelo qual sente muita admiração, todavia não fala tão abertamente sobre esse irmão como a quarta entrevistada dos seus irmãos. Pelo discurso da primeira entrevistada, até se poderia pensar que seria filha única. Tal como a quarta entrevistada, no entanto, diz que quer muito ser mãe. Nas palavras da própria primeira entrevistada, *“Eu sempre gostei... sempre sonhei em casar. Ser mesmo aquela noiva (Risos), de vestidinho todo... é (Risos) Sempre sonhei com isso, portanto pretendo, não já, mas daqui a uns anos, que isso aconteça. Ter filhos também é um grande sonho. Pretendia fazer isso depois de casar. E...e é isso!”* Torna-se compreensível que, não obstante as semelhanças com o desejo de ser mãe da quarta entrevistada, a primeira entrevistada

não tem qualquer reserva em dizer que ambiciona casar-se e que o casamento sempre foi um sonho de infância para ela.

Tem-se, também, a questão da segunda entrevistada. Segundo as palavras da mesma, *“Em relação ao casamento, eu não tenho o sonho de me casar, mas se vier a acontecer, tudo bem, não me importo. Pretendo é ter alguém de quem goste na minha vida e pretendo ter filhos, isso eu queria, gostava muito de ter filhos.”* A também só tem uma irmã, da qual não se prolonga muito a falar, tanto a segunda como a primeira entrevistadas são mais sucintas nas suas definições de ambição familiar futura. No entanto, A não tem o objetivo de se casar, só ambiciona ter alguém de quem goste e com quem possa partilhar a existência. São pequenas, mas decisivas, estas contrariedades nos discursos das entrevistadas.

O grau de independência, contudo, não se transcreve na ordem de quem precisa ou não de um parceiro ou parceira. Não obstante, é notório e curioso como jovens mulheres de idades muito aproximadas conseguem divergir tão minuciosamente em determinados aspetos.

A terceira e a quinta entrevistadas são as únicas que já têm um parceiro que perdura. No entanto, torna-se fulgurante conceber as maiores incertezas destas em relação ao futuro e configurações familiares ambicionadas. Segundo a terceira entrevistada, *“Bem... eu quando era criança dizia que não queria casar. Porque pensava que os casamentos era como nós víamos sempre. Eu não descarto uma hipótese de me casar, mas provavelmente não será pela igreja. Mas também não quero um casamento tradicional. Nem quero um vestido branco, prefiro um azul, acho que é uma cor muito mais bonita. Já falei disto com o meu namorado e ele concorda. Queremos uma festa para celebrar com amigos e família, queremos algo simples. Um casamento simples... pronto, é isso. A nível de filhos, tenho imenso medo de gravidezes(...)”* E segundo a quinta entrevistada, *“Então, neste momento, eu vejo-me a ter filhos. Se esta entrevista tivesse sido há uns anos, eu dizia-te que não queria ter filhos nem casar. Consoante vamos crescendo, vamos tendo visões e perspetivas diferentes. Pretendo ter filhos, o casar ainda está muito em standby.”* Curiosamente da terceira entrevistada, esta insurge-se no âmago do casamento, não deseja uma comemoração tradicional e católica na questão da celebração, mas não diz que não a uma cerimónia mais discreta. A quinta

entrevistada, afirma que gostaria de ter filhos, mas não sabe se gostaria de se casar, embora afirme anteriormente que gostaria de continuar a sua relação com o namorado (*“Então, eu tenho um namorado. Eu acho que quando já estás com alguém há algum tempo já tens uma perspetiva do que tu queres. Eu acho que tenciono continuar”*, nas palavras da entrevista da quinta entrevistada).

É interessante ver como as entrevistadas que já têm um parceiro fixo se sentem mais confusas em relação ao futuro familiar. Porventura, na imaginação das restantes entrevistadas, tendo estas um afastamento com a realidade fixa, sintam uma mais pragmática disposição de planos.

Defrontando estes dados com a realidade, seria interessante analisar. Segundo Lopes (2022: 145), “Em poucas décadas, Portugal (...) transforma-se numa sociedade onde as gerações já não se renovam. Casa-se cada vez mais tarde; têm-se filhos depois dos 30 anos; as uniões informais proliferam e as crianças nascidas fora do casamento já são a maioria (55,9 %)”. Isto é espelhado no tocante às relações que as entrevistadas demonstram ter e ambicionar. Excetuando a primeira entrevistada, não se prolifera muito a ideia de um “casamento de sonho”.

Os papéis de género já não se restringem ao casamento e à formação de família o mais rapidamente possível. Segundo Lopes (2022: 147), “Mas, mesmo essa ordem doméstica de valores, papéis e expectativas diferenciados consoante o género, tem as suas brechas, zonas de incerteza e de ambiguidade, onde se podem construir cursos de ação diferenciados.” Esta ambiguidade e incerteza sublinha-se grandemente nas entrevistadas, estas já não têm na sua ideia uma forma de casamento fixa e arranjada, como era mais comumente achado em décadas passadas.

Segundo Torres (2001: 27), “(...) a afirmação de um modelo de família restrita, com tendência para a não coresidência com os ascendentes ou a família de origem, a afirmação do respeito pela individualidade de cada membro da família, a valorização das pessoas em detrimento das coisas, o papel mais relevante do Estado, são tendências equacionadas há 100 anos atrás, perfeitamente reconhecíveis ainda nos dias de hoje”. Assim, pois, no quotidiano que vivenciamos, não há uma conceção do tradicional. As famílias podem ser formadas por somente uma mãe, um pai, duas mães, dois pais, ou

por um avô e um neto, etc. Há toda uma multitude de zonas que invadem os interstícios plurais que se produzem nos dias que correm.

Cada pessoa é sua individualmente e constrói a sua individualidade de forma perene, sempre aberta às influências dos espaços exteriores e da formação da identidade pessoal e social, por vias das socializações primária e secundárias. E, segundo Lopes (2022: 138), “Famílias e sujeitos que, todavia, não se reduzem aos handicaps e obstáculos passíveis de inventariação, nem podem ser considerados mera duplicata pela negativa da mundividência dos poderosos, espécie de versão menor e em permanente déficit de uma norma que lhes escapa”. Há, amiúde, uma lógica de dominação no âmbito familiar. No caso destas entrevistadas, em geral não é notável – com exceção do caso da terceira entrevistada.

5.3. Ensino Superior e Aprendizagens

O ensino superior tem um papel fulgural na vida destas jovens entrevistadas. A transmissão de conhecimentos de ordem teórica e prática ocupou a maior parte da vida das entrevistadas, todas elas frequentadoras de mestrados, quer em Sociologia, quer em Intervenção comunitária. Nem todo o conhecimento, contudo, vai de encontro às expectativas. Segundo Berger e Luckmann (1974: 147), “O aparecimento de um outro possível universo simbólico representa uma ameaça porque sua simples existência demonstra empiricamente que o nosso próprio não é inevitável”. Ao deparar com novos conhecimentos, o que se traz de “bagagem teórica” é, também, por sua vez, confrontada com outras perspetivas de natureza cognoscível – o que fomenta as determinantes de mudança que as entrevistadas sentiram ao participar no simples e difícil processo de aprendizagem. Muitas delas afirmam que mudaram, tanto de opinião como enquanto pessoa, e é nessa mudança que reside a necessidade de um capítulo de corpo analítico mediante as aprendizagens no ensino superior, na estrutura da presente dissertação.

Relativamente à primeira entrevista, é abordada a questão, em segundo lugar, das aprendizagens no mundo da educação e no âmago do ensino superior. A primeira entrevistada diz, *“a faculdade, neste curso em específico, abriu muitos caminhos... e ensinou-me a ser mais tolerante com as pessoas, em si, desenvolveu-me a escuta ativa, permitiu-me colocar mais no lugar do outro”*. A faculdade ensinou a primeira entrevistada a desenvolver uma técnica chamada escuta ativa – ou seja, não somente se aprender a ouvir e/ou escutar, mas também tendo em atenção o delineamento das estratégias de melhoria social. A faculdade também auxiliou a primeira entrevistada a encontrar uma forma de se colocar no lugar do outro.

Na segunda entrevistada coloca-se em evidência a mesma questão. Esta extrapolou, no seu seguimento académico, uma sensibilidade que transcendeu o âmbito do profissional, mas que, também, transmutou-se de forma a encarar a vida e a sociedade de outras formas e feitios. Segundo a segunda entrevistada, na sua entrevista, as aprendizagens na área do ensino superior *“ajudaram-me bastante, não só ao nível académico, mas principalmente a nível pessoal. Sinto que me desenvolvi enquanto pessoa, principalmente pelo curso em que estive e que estou”*. Os cursos que visam um melhoramento de sociedade entranham-se nos estudantes, neste caso, nas estudantes, e compõem uma metodologia de agir muito cuidadosa e provida de cuidados que são fruto dos ensinamentos das unidades curriculares. Para ajudar outrem, torna-se imperioso saber fazê-lo – se não, os resultados seriam desastrosos.

Todavia, este panorama cambia um pouco na narrativa da terceira entrevistada. Segundo a terceira entrevistada, na entrevista, *“Eu tive oportunidade de crescer muito enquanto pessoa graças à licenciatura. Acho que o secundário foi também super importante nesse aspeto, cresci bastante a nível pessoal. Intelectual também, mas acho que o salto foi maior na universidade... na licenciatura. A minha experiência, de forma geral, eu considero que tenha sido boa.”* Houve uma oportunidade, como todas as entrevistadas referem, de crescimento, de forma a construir um “eu” mais poderoso em termos de conhecimentos analíticos, mas sobretudo conhecimentos da sociedade e das pessoas.

Algo que seria interessante de sublinhar seria o facto da terceira entrevistada falar de algo que as restantes entrevistadas não mencionam, quando se referem à sua experiência de faculdade na licenciatura e no mestrado. A entrevistada terceira revela que presenciou injustiças. Tal como ela afirma na sua entrevista, *“Não vou dizer que gostei de todos e todas as professoras com quem me deparei – seria mentira. Acho que presenciei também algumas injustiças. Não tanto em relação a mim, mas em relação a colegas. Porque, lá está, viemos todos de diferentes origens e temos situações diferentes.”* A terceira entrevistada afirma que por um lado considera que estas injustiças se deram relativamente a pessoas que saíam do estereotipo de estudante do ensino superior de 18 anos, ou seja, estas injustiças vinham amiúde a propósito de estudantes que tinham de conciliar empregos, filhos e deslocações com os estudos.

Todavia, afirma a pés juntos que todas essas experiências fomentaram uma forma de sensibilidade inerente a um modo de construção de mecanismos e ferramentas para observar e compreender o mundo.

Ao contrário do que as restantes entrevistadas afirmaram acerca das suas aprendizagens no ensino superior, a terceira entrevistada traz um novo assunto que urge uma discussão: a pandemia do COVID 19. A pandemia afetou muito a situação de saúde mental da mesma, como esta se refere. Nas palavras da própria, *"Mas, por outro lado, eu não sei se foi do isolamento em si ou de mim própria, que já estava de certa forma a cultivar estas questões psicológicas. Mas a pandemia foi psicologicamente bastante difícil para mim"*. A pandemia teve um lado positivo, nas palavras da terceira entrevistada, porque deu azo a um maior período para leituras: por exemplo, para um trabalho para ser entregue, a entrevistada tinha uma maior agilidade para ler bibliografia mais diversificada e em maior quantidade. Segundo a mesma, *"Considero que a minha experiência foi afetada pela pandemia. Com certeza não sou a única, mas ironicamente sinto que também aprendi mais em certos domínios na pandemia, porque tinha tempo para leituras. Tinha tempo para ler, para fazer trabalhos em que podia ler mais bibliografia. É claro que utilizava também as épocas de recurso, não vou dizer que entregava tudo a tempo, porque não"*.

. Todavia, a sua experiência de mestrado tem sido, embora mais prolongada, aprazível, de forma a considerar que todas as unidades curriculares que tem tido são interessantes e que nenhuma seria prescindível (como a própria designa). Nas palavras da terceira entrevistada, o mestrado está a ser uma boa experiência, com a qual foi capaz de aprofundar e sublinhar os seus conhecimentos.

Relativamente à quarta entrevistada, é de admirar a pormenorização da sua resposta. Esta responde diretamente ao que foi inquirido e revela os conhecimentos que anda a adquirir em tempo real. Segundo a quarta entrevistada, *"então, de momento eu estou mais na parte de educação emocional, estou na parte de adquirir conhecimento na parte da educação emocional. Da inteligência emocional, também. Das políticas, do novo-estado, como isso influenciou os nossos quotidianos. Antropologia, compreender como o que é uma comunidade e como se pode intervir numa comunidade"*. A resposta da quarta entrevistada constrói-se no tempo real das aprendizagens – esta não fala do

passado, mas sim do que está a aprender no presente. A antropologia, a educação emocional, os processos de compreender outrem de forma a ser possível executar uma ajuda ou um auxílio.

No tocante à quinta entrevistada, esta fala mais acerca da sua mudança enquanto pessoa no ensino superior. Fala em como, antes da licenciatura, era uma pessoa mais tímida e calada, mas que, no entanto, com o passar do tempo, tornou-se mais faladora e comunicativa. Como ela própria diz, *“Eu fui para a licenciatura porque não entrei em psicologia, eu preferia psicologia, então eu estava reticente. Mas eu acabei por gostar muito, muito mesmo. Mas assim agora aprendizagens que eu me esteja a lembrar, só se for tipo a mudança – eu mudei muito a minha capacidade de comunicação e não falava quase nada. Nada, mesmo. Agora estou muito faladora e nunca paro de falar (risos). Mas acho que foi um desses os objetivos que eu meti para o estágio profissional, melhorar a minha comunicação, porque, ao implementar o projeto, se eu fosse um bocado tímida, não tinha corrido tão bem”*.

O curso de psicologia aparece amiúde nas palavras destas entrevistadas. É um curso muito procurado no âmbito daqueles que têm como pretensão aprender a entender o outro. No entanto, não é segredo que as médias de psicologia têm visto um aumento bastante acentuado nos últimos 6 anos, o que explica a quantidade de entrevistadas que não deram ingresso na sua primeira opção, sendo esta a psicologia.

Todavia, não há uma única entrevistada que diga que a sua experiência de ensino superior tenha sido negativa, pelo que se apreende que, não obstante muitas das entrevistadas desejarem tirar outras formações para além das suas formações de base, as trajetórias de ensino superior foram satisfatórias e bem organizadas, os cursos recheados de aprendizagens fulgurais e importantes, factos que remataram uma apreensão pelo mundo em que vivem.

As entrevistadas reconhecem que o mundo não está nas suas melhores disposições, em termos de organização e recursos sociais, na medida em que pretendem auxiliar, através de cursos focalizados nessa compreensão do mundo e das pessoas, sublinhando a já referida apreensão sentida pelos problemas de foro social. Com a aprendizagem obtida nos cursos que já tiraram, nos mestrados que se encontram a tirar e nas formações

futuras que almejam, estas entrevistadas encontram-se munidas para ajudar e cambiar o mundo.

5.4. Os Objetivos profissionais das entrevistadas

As jovens mulheres entrevistadas são pessoas de grande cultivo cultural e de ambições altas, porém realistas. Na sua esmagadora maioria, estas jovens gostariam de trabalhar na sua área. Todas estas revelam incertezas e medos face ao futuro e não é raro mencionarem que sentem que a sua área de escolarização é subvalorizada.

Não é segredo que, no âmago das áreas de estudo no ensino superior, há sempre uma parte de quem estuda, quer para intervir, ou para analisar, que deseja algo bastante romântico: nada mais nada menos do que salvar o mundo. Crê-se que o sonho e ambição profissional da primeira entrevistada, traduzem-se num chamamento para intervir e melhorar a realidade social, salvando, portanto, as crianças em risco. São ambições nobres e estruturalmente necessárias. A primeira entrevistada também conta que, mal acabe o mestrado, pretende focar-se na sua vida profissional e, mais tarde, conjugar as suas aprendizagens com formações à parte. Nota-se, nesta entrevistada, e não menos nas outras, uma grande avidez por conhecimento e um urgir de auxiliar o mundo. Segundo as palavras da mesma, *“a faculdade, neste curso em específico, abriu muitos caminhos... e ensinou-me a ser mais tolerante com as pessoas, em si, desenvolveu-me a escuta ativa, permitiu-me colocar mais no lugar do outro – colocar, mesmo, e não só aquela de “okay, conseguir colocar-me mesmo no lugar da outra pessoa -, desenvolver-me, também, a nível pessoal, um grande desenvolvimento... uma evolução e ...é isso”*.

A segunda entrevistada, 21 anos, é, todavia, mais vaga na sua definição de objetivos profissionais para o futuro. Esta entrevistada somente refere que gostaria de frequentar o mestrado, como a primeira entrevistada, e somente o futuro aguardará mais pormenores. Todavia, não obstante vaga, esta afirma que *“pretendo...gosto de diversas “subáreas”, não sei se estou a dizer a palavra correta... eu gostava muito de fazer várias formações para atuar em diferentes áreas, em diferentes locais”*. No entanto, frisa que o seu principal foco no momento é mesmo o mestrado.

A terceira entrevistada, é mais vasta na sua resposta a este ponto do guião de entrevista. Em primeiro lugar, sublinha que o que gostaria mesmo de encontrar um emprego na área de estudo. No entanto é honesta e diz que, se não arranjar nada mais adequado, não seria adversa a trabalhar numa área que não envolvesse, em primeiro plano, a sua

área de estudo. Segundo a terceira entrevistada, *“Se formos mais a fundo, diria que já são objetivos um pouco sonhadores, o que não quer dizer que eles não sejam possíveis e que não se vão realizar, mas o primário é conseguir trabalho na área”*. Esta própria afirma que são objetivos sonhadores, no entanto são objetivos que não teriam de o ser. A terceira entrevistada afirma que sonha diretamente com uma mudança, senão do mundo, de parte do mundo, o que não diz que o conseguiria sozinha. A entrevistada tenta não colocar demasiada pressão em si mesma, de forma a não se ver recolhida em consumições que poderão atrapalhar e objetar a um possível futuro emprego. Segundo Berger e Luckmann (1974, pág. 107), *“Aprender um papel não é simplesmente adquirir as rotinas que são imediatamente necessárias para o desempenho ‘exterior’*. É preciso que seja também iniciado nas várias camadas cognoscitivas, e mesmo afetivas, do corpo de conhecimento que é diretamente e indiretamente adequado a este papel”.

Segundo esta linha de pensamento, torna-se imprescindível compreender as multitudes da assunção de um papel profissional. Segundo Berger e Luckmann (1974: 106), *“Para nossas imediatas considerações, mais importante é o caráter dos papéis como mediadores de particulares setores do acervo comum do conhecimento”*. Ou seja, os papéis transmutam-se em formas de aquisição de conhecimentos importantes e porventura fulgurais para um auxílio do “acervo comum do conhecimento”, acima citado. Em virtude dos conhecimentos que um indivíduo adquire na sua espacialidade do ensino superior, são-lhe atribuídos papéis consonantes com as competências que auferem no grau de diploma de licenciado ou de mestre.

Tem-se, ainda, outras respostas a serem consideradas. No caso da quarta entrevistada, há uma maior focalização no âmbito do setor laboral, uma vez que esta jovem afirma já trabalhar. Segundo as palavras da mesma, *“eu de momento, estou a trabalhar num centro de estudo (...) Então os meus objetivos são continuar a conseguir estabelecer esta ligação entre a faculdade e a orientação vocacional que eu faço e explicações. Fazer uma ponte de ligação. Gostaria de arranjar outro trabalho ao fim-de-semana, dentro ou fora da área. E são esses os meus objetivos.”*

Torna-se curioso observar como a quarta entrevistada ambiciona muito, já na idade dos 22 anos. Além desta dar explicações e orientações vocacionais, deseja um outro trabalho e uma forma de ligar todas estas pequenas grandes ocupações à sua ocupação

de base. Mais à frente na sua entrevista, a quarta entrevistada afirma que deseja ser uma “eterna estudante”. Pretende, após o mestrado, tirar uma licenciatura e mestrado em Psicologia, de forma a poder trabalhar mais com afinco a área criminal. Diz-se fascinada pela área e não quer desistir dos seus sonhos.

Após, no estágio profissional, ter trabalhado, diz que não pretende seguir esse rumo, embora estivesse interessada no trabalho. Ambiciona almejar a criação de projetos de envolvimento com jovens em risco. Segundo a quarta entrevistada, *“como é que eu hei de explicar, eu adoro idosos e gosto muito de trabalhar com idosos, mas não é algo que eu me veja a fazer até ao final da minha vida”*. Portanto, o trabalho com idosos não será uma via ambicionada, embora querida pela quarta entrevistada. Segundo a mesma, *“Acho que estou muito mais ligada à parte dos jovens e da parte criminal, a parte criminal é algo que me dá muito fascínio, muito interesse em trabalhar e, lá está, futuramente espero conseguir ter essa experiência, pelo menos ir a um estabelecimento prisional e ver como é que aquilo funciona, como é que um educador social pode estar lá dentro e trabalhar e até mesmo ter um projeto, espero conseguir isso a nível académico, conseguir ter essa relação”*. Torna-se interessante analisar o discurso ambicioso desta entrevistada, uma rapariga jovem, que já tem experiência de trabalho e currículo, sedenta por conhecimento e oportunidades.

A quarta entrevistada, não obstante todas as ambições das outras entrevistadas, demonstra-se a mais determinada em adquirir os títulos que precisa para conseguir trabalhar na área que a fascina mais, a área criminal e com os jovens em exclusão por motivos criminais, todavia mais expressa e ágil no curso e mestrado em psicologia, tal como esta pretende que assim o seja.

A quinta entrevistada é bastante pragmática nas suas visões de futuro. Segundo a entrevistada, *“Então, eu sempre gostei muito de trabalhar... eu fiz o estágio num centro de dia e eu adorei. Eu senti-me muito bem. Gostei imenso e senti-me melhor do que quando estive com as crianças. Eu vejo-me a trabalhar num lar de idosos, num centro de dia, numa casa residencial. Sempre me vi nessa perspetiva”*. Assim sendo, não há dúvidas do papel que a entrevistada jogará na sua vida. Com 21 anos, a quinta entrevistada demonstra-se grandemente certa do que desejaria fazer, após ter tido a experiência do estágio profissional – o que nos leva para todo um outro mundo de análise: a

importância de um estágio numa licenciatura. Não obstante, a quinta entrevistada afirma que o canto continuará sempre como um hobby do qual não se pretende separar: é comum, nestas entrevistadas, terem um objetivo quanto ao seu tempo livre e ao seu lazer, de forma que este seja construtivo e as ajude a crescer enquanto pessoas. Segundo as palavras da quinta entrevistada, *“Eu acho que o canto vai continuar sempre como um hobby. Eu acho que é mesmo só um hobby. Para fugir um bocado da rotina”*.

É interessante ver como os lazes destas jovens mulheres são colocados de forma díspar face às suas expectativas profissionais. Tem-se, já, este exemplo no caso da primeira entrevistada e da sua paixão pelo teatro, agora com a quinta entrevistada e o canto, torna-se mais evidente esta “fuga” a paixões passadas, de forma a coadunar os interesses com a veia profissional.

Por fim, bebendo de Berger e Luckmann (1974: 187), pode-se somatizar “Os processos formais da socialização secundária são determinados por seu problema fundamental, a suposição de um processo precedente de socialização primária, isto é, deve tratar com uma personalidade já formada e um mundo já interiorizado”. É de sublinhar que a educação segue uma das mais comuns formas de socialização secundária, a abertura à aquisição de novas aprendizagens é algo fulgural no caso destas jovens mulheres entrevistadas; todas elas sentem, sem exceção, mesmo aquelas que não entraram na sua primeira opção de licenciatura, que aprenderam algo e que esse algo foi fundamental para os seus crescimentos enquanto pessoas. Recordando as palavras da primeira entrevistada (22 anos):

“(...) a faculdade, neste curso em específico, abriu muitos caminhos... e ensinou-me a ser mais tolerante com as pessoas, em si, desenvolveu-me a escuta ativa, permitiu-me colocar mais no lugar do outro – colocar, mesmo, e não só aquela de “okay, conseguir colocar-me mesmo no lugar da outra pessoa -, desenvolver-me, também, a nível pessoal, um grande desenvolvimento... uma evolução e ...é isso”

5.5. Espaço, Quarto e Casa como modeladores da identidade

É em casa que o ser social se torna amiúde um ser individual, em que está com a família, pratica os seus hobbies – os quais, à luz da sociologia do lazer e do tempo livre, são modeladores de uma identidade pessoal e muito própria.

Nas entrevistas realizadas pretende-se compreender as elações que podemos retirar de um modo de “escutar sociologicamente as casas” (Lopes, 2022). Torna-se fulgural interconectar o corpo individual com o corpo social. E é neste âmagio que entra uma forma de fazer sociologia com as questões do lazer e do tempo livre. Segundo Lopes (2022: 161), “A casa, enquanto cenário primeiro de vida de todos os dias, é um lugar onde se cruzam as componentes físicas e sociais do espaço”. O quarto, neste caso, de cada uma, não é somente um espaço de lazer, é uma componente fulgural no campo de produção da individualidade. É no quarto que as entrevistadas leem, estudam, executam os seus hobbies e é, também neste espaço, que dormem e descansam. É um espaço que pode funcionar como refúgio, no entanto poderá também transformar-se num elo com as sociabilidades locais. O ato de ir à janela, cumprimentar os vizinhos, fomentar relações tendo amiúde em mente a dualidade de espaço pessoal/espaço social. Nunca perdemos verdadeiramente o espaço social, uma vez que somos eternos seres sociais. No caso de perda de sociabilidade, dá-se uma entrada na anomia social, rezada por Emile Durkheim, na sua obra “O Suicídio”.

As casas de todos nós constituem um poder de construir a individualidade e modificação das ideias de casa um. O espaço basifica a condição, assim como a causa, de uma vida em comum (Lopes, 2022, p.161) – é “apropriado, vivido e modificado através das relações sociais” (Lefebvre, 2000).

As entrevistadas foram inquiridas relativamente ao seu espaço pessoal, tanto casa, como quarto, e foi impressionante intercetar uma dualidade do espaço como motor, tanto de trabalho, como de lazer.

Deste modo, começando pela primeira entrevistada, esta diz o seguinte – *“É assim, eu vivo com os meus pais, portanto trabalho no meu quarto, para ter o meu espaço. Vejo o meu quarto como o meu lugar, está organizado e estruturado e decorado e tudo para mim, porque eu tenho de me sentir bem dentro dele. No resto das divisões da casa, também me sinto super bem, sendo que aí partilho, lá está, com os meus pais. O meu*

quarto é verdadeiramente o meu lar”. Aqui, pode-se começar um estratagema de escuta sociológica das casas. Curiosamente, todas as entrevistadas vivem com os pais, o que também reflete uma forma de adolescência prolongada, por meio do estudo universitário, o qual atrasa a entrada no mercado de trabalho (o que é notável no caso do namorado da terceira entrevistada, o qual, não tendo frequentado um curso superior, após o secundário, seguiu diretamente para o mercado de trabalho, possuindo já um apartamento seu – no qual a terceira entrevistada pretende, com os seus ganhos futuros, ajudar a sustentar). Segundo Lopes (2022: 165), “(...) a juventude projeta-se como uma suspensão prolongada, uma passagem que deve ser habitada por práticas, linguagens e simbologias específicas”. E, desse modo, não obstante ser a casa dos pais da primeira entrevistada, esta tem um quarto somente para si e é nele em que se sente mais autêntica. O quarto da primeira entrevistada está organizado e estruturado mediante as suas preferências, com a decoração de eleição e é, neste espaço, em que pode ser ela própria, sem filtros urgidos pela socialização. Repete-se, uma vez mais, aquilo que a primeira entrevistada diz acerca do seu quarto – *“O meu quarto é verdadeiramente o meu lar.”*

Um quarto não tem, necessariamente, de ser um sinónimo de solidão ou de se ser solitário, aliás os casais que coabitam, comumente, partilham o mesmo quarto. O quarto será, portanto, um sinónimo de intimidade – não se deixa entrar no quarto de alguém uma pessoa da qual essa outra não goste. No entanto, há casos em que irmãos ou irmãs partilham o mesmo quarto – o que significará, para estes, o conceito de intimidade? Isso é o que se verá com o caso da terceira entrevistada, a qual partilha o quarto de infância com a irmã mais nova.

Um quarto somente para si é, também, um símbolo de prolongamento de identidade pessoal. Com a decoração e disposição de espaço adequadas, um quarto reflete uma forma de ser na individualidade de cada um (cada uma, neste caso). Pode-se ver um pouco e conhecer um pouco da pessoa que cada um incorpora através do modo de estar no seu espaço. Por exemplo, um quarto com desenhos nas paredes poderá, porventura, pertencer a uma artista. Um quarto com pósteres de bandas de música sugere um gosto musical determinado. Um quarto com uma estante cheia de livros rapidamente transforma a nossa interlocutora numa leitora voraz ou apreciadora de literatura. Até

os próprios livros e temas dos mesmos distinguem os diferentes tipos de leitora: uma estante recheada de romances pressupõe uma jovem romântica, que gosta da ideia de possuir alguém especial a seu lado, ao passo que, noutra vertente de exemplo, uma estante com livros de sociologia sugere, ou um interesse pela área, ou mesmo um futuro ou até já mesmo sociólogo, ou socióloga. Em suma, um quarto, uma secretária, a cor das paredes, tudo isso promove uma representação de uma identidade pessoal. Segundo Brandão (2010: 27), “(...) o sentimento de possuir uma identidade implica o domínio da temporalidade. Aquilo que se é, o que se pensa que se é e o que os outros pensam que se é – representações nem sempre coincidentes (Goffman, 1988; Strauss, 2002) – constrói-se tanto por referência ao passado, como ao presente e a um futuro que se antecipa”. É, por isto, que um quarto de uma jovem adulta que viva na sua casa de infância poderá conter alguns elementos dessa fase da sua vida. A identidade não pode fugir ao passado, mas pode ser controlada no presente e projetada num futuro. Isto, falando de identidade pessoal – ela exige, não obstante, uma continuidade e, por isso, segundo Brandão (Idem: 27), “O sentimento de continuidade resulta de uma actualização feita a partir do presente à luz dos projectos de futuro, em função dos quais o passado pode ser (re)lido com contornos diferentes”.

No tocante à segunda entrevistada esta não se separa muito daquilo que fora dito pela primeira entrevistada. Segundo as palavras da segunda entrevistada, *“O meu quarto é o meu espacinho. É onde estou sossegada, quando me acalmo, onde estudo, onde trabalho. É o meu principal espaço”*. Uma vez mais, encontra-se uma forma de ver o quarto como um prolongamento da identidade e da trajetória de vida. Um quarto que acompanha uma jovem mulher durante mais de 20 anos torna-se quase como uma parte dela mesma. Ou seja, um prolongamento da identidade, uma vez mais. Porventura fotografias na parede que sigam uma ordem cronológica auxiliem na gestão visual de um trajeto de vida até ao presente.

No entanto, nem todas as entrevistadas possuem um quarto somente para si. Segundo Lopes (2022: 165), “Como lembra Virginia Woolf, ter um espaço de expressão e privacidade (a par de independência económica...) seria um requisito fundamental de emancipação feminina e de escape ao poder patriarcal. Contudo, esta conquista é indissociável de uma reconstrução da ideia de infância e de juventude”. É curiosa a

divergência que se visiona no caso da terceira entrevistada, quando equiparado às restantes entrevistadas. Segundo a terceira entrevistada, com toda a honestidade, *“Olha, é um espaço meu a cinquenta por cento, porque eu partilho o quarto com a minha irmã, então é cinquenta cinquenta. Às vezes... foi uma coisa que eu nunca tive, que é um quarto só para mim, aliás tive, durante uns poucos anos, porque eu sou a mais velha portanto ela dormia no berço com os meus pais e assim e eu estava num quarto sozinha. Mas (...) sei que a maioria foram passados a partilhar quarto com a minha irmã”*. A terceira entrevistada não diz não gostar da situação de partilhar o quarto com a irmã; somente admite que é relativamente incómodo em alturas em que, por exemplo, faz videochamada com o namorado, ou quando quer estar sozinha ou chorar. Segundo a própria, *“Mas não vou mentir: sinto falta de um espaço em que possa estar sozinha, em que por exemplo não me estou a sentir muito bem, estou mais triste e quero chorar, eu não vou para o quarto se a minha irmã estiver lá, eu vou para a casa de banho, porque pronto... é o espaço que por norma está mais vazio”*. Acaba por ser um pouco diferente daquilo que foi dito por parte das outras entrevistadas até este ponto. As duas primeiras entrevistadas falam do seu quarto como um espaço em que conseguem prolongar as suas identidades pessoais, enquanto, no caso da terceira entrevistada, quando esta se sente mais frágil ou vulnerável, não é ao quarto dela que se dirige, mas sim à casa de banho, uma vez que é o local que está comumente mais vazio. Também existe a questão da terceira entrevistada e a sua irmã serem detentoras de rotinas de sono muito distintas

Seguindo para a quarta entrevistada, esta fala do seu espaço doméstico com uma certa ternura. A quarta entrevistada, tal como as restantes entrevistadas, vive na casa dos seus pais, e o seu quarto acabou recentemente de ser remodelado. As paredes foram pintadas de uma cor que mais se coaduna com a facilidade em dormir. Também foi efetuada uma separação entre o espaço de dormir e o espaço de trabalho. Segundo a entrevistada, *“O quarto está dividido entre a parte de estudo e a parte de dormir. Consegui dividir. A nível da casa... no meu quarto, tenho uma cadeira onde gosto de ler, onde faço as minhas leituras, para estar mais concentrada, ouvir música. Eu gosto muito de cozinhar, então a cozinha também será um espaço onde eu passo a maior parte do tempo. Com os meus irmãos e os meus pais, a cozinhar. A cozinha é cozinha-sala, então*

temos muitos momentos de ver filmes. Depois, temos o jardim, o jardim e o quintal. Onde passo algum tempo. Quando está bom tempo, passo para a parte exterior da casa”.

Tem-se, aqui, um lazer que a quarta entrevistada não menciona enquanto inquirida acerca dos seus lazes – a cozinha. Curiosamente, mais nenhuma das entrevistadas fala acerca da cozinha. Porventura, o facto que levará a quarta entrevistada a referir-se a este espaço específico do seu espaço doméstico será precisamente o facto de se tratar de uma cozinha sala, de forma a proporcionar momentos de lazer em conjunto com os pais e os irmãos, por quem esta frisa ter uma grande adoração, a qual transparece no âmag das suas palavras.

Para a quarta entrevistada, há um espaço específico aonde esta realiza as suas leituras e escuta música: uma cadeira em especial, a qual delimita o espaço de estudo do espaço de descanso. Desta forma, entende-se uma grande organização de espaço pessoal, por parte da entrevistada, o que, por sua vez, se coaduna com a organização da mesma nas suas respostas às questões orientadoras do guião de entrevista. A quarta entrevistada fala pausadamente, de modo que seja possível compreender de forma holística a sua história de vida e trajeto da mesma. Torna-se, portanto, assaz profundo o entendimento da organização da vida desta entrevistada.

Remetendo à última entrevistada, fala do seu espaço de uma forma carinhosa. Segundo a entrevistada, *“Olha, relativamente ao quarto, é aquela frase mais cliché, “o quarto reflete aquilo que tu és”. Eu acho que isso em mim reflete muito. Há dias em que me apetece decorar o quarto todo e mudá-lo todo, há dias em que está super simples como agora, super clean, branquinho. Então é mesmo isso, o meu quarto reflete aquilo que eu estou a sentir no momento. Se me apetecer pintá-lo de preto, eu pinto”.* O quarto reflete o que esta sente no momento – tal como a própria diz, se ela o quiser pintar de preto, pinta e não há entraves para tal transmutação.

O quarto, nesta disposição da quinta entrevistada, transforma-se num prolongamento da identidade. Não é um sítio que se preza somente pelo estar sozinha, mas sim um estado de solitude prementemente íntimo e no qual, se lá se entrar, saber-se-á com clareza o que a própria estava a sentir aquando da decoração. Por exemplo, no momento da entrevista, o quarto da quinta entrevistada, como ela própria o descreve, estava “super clean e super branquinho”, o que revela um estado de pacificidade e de

tranquilidade. Todavia, um quarto preto já não revela o mesmo: transmuta-se numa forma de conflito e de pensamentos negativos.

Em suma, os quartos e as casas são sociologicamente escutáveis e prendem-se no âmago da natureza das entrevistadas. Mesmo no caso da terceira entrevistada, esta dá valor ao seu quarto e partilha-o com poucas desavenças com a sua irmã mais nova.

5.6. Convicções Políticas

“Paula Rego (1935-2022), deu uma contribuição extraordinária para a transformação da perceção social sobre o tema do aborto com a sua série de pinturas sobre ele. A artista portuguesa falava de forma cândida sobre o tema e chegou a dizer: ‘fiz vários abortos. Naqueles tempos não havia muita contraceção e os homens não se importavam’ (Pina, 2022)” – (Cristina Rodrigues, in Exílios no Feminino)

O tema da política tem um sublinhar profusamente importante no guião de entrevista para estas histórias de vida. As entrevistadas são inquiridas de forma a compreender o que estas fariam ou fazem na ordem de mudança no panorama português político.

Relativamente à primeira entrevistada, esta diz o seguinte: *“É assim, eu já fui mais... acompanhei mais política. Neste momento, estou um bocadinho afastada, por isso não tenho dado muita atenção, mas, portanto, não posso propriamente dizer que apoie a cem por cento alguma causa, é que não posso. Mas, por exemplo, apoio e sou feminista, não posso dizer que sou a cem por cento, porque há coisas com que não concordo. A nível de homofobia, assim, não apoio, de todo, e acho que até há certos projetos que deviam ser mais estudados se calhar, porque podiam dar um bom resultado.”* Segundo a primeira entrevistada, esta já acompanhou mais as questões políticas e já esteve mais próxima dos assuntos discutidos no âmbito da política. Não obstante, afirma-se feminista (como muitas das outras entrevistadas) e é contra a homofobia. No final da entrevista e da história de vida, a primeira entrevistada diz o seguinte – *“Eu não consigo abordar muito essa área, porque eu não estou mesmo, neste momento, a acompanhá-la. A única coisa que eu acho que mudaria, era a quantidade de...peço desculpa, dava oportunidade, se pudesse, a ter mais mulheres ao poder.”* Uma vez mais, transmite uma impressão feminista; segundo Giddens (2007: 691), *“(...) as diferenças de género raramente são neutras – em quase todas as sociedades, o género é uma forma importante de estratificação social.”* E ainda *“O género é um factor decisivo na estruturação dos tipos de oportunidade e hipóteses de vida que os indivíduos e os grupos enfrentam, influenciando fortemente os papéis que desempenham nas*

instituições sociais, da família ao Estado” (Idem). O género é uma categoria em que os seres humanos se encaixam, sempre tendo em atenção as suas peculiaridades. Atualmente, há uma profusão de identidades de género – feminino, masculino, queer, não-binário, entre outros. Há uma designação precisa para cada identificação de género, o que torna a sociedade mais diversa e ativadora do imaginário sociológico. Para estas entrevistas, foi fulgural selecionar somente jovens mulheres, mediante ser esse o tema de trabalho da presente dissertação. Há respostas que só fazem sentido serem impostas a mulheres, neste caso, jovens mulheres.

Os movimentos de mulheres têm vindo a aumentar significativamente nos últimos anos e nas últimas décadas. Há um leque de formas de feminismo, desde um feminismo liberal a um feminismo negro. Vamos, então, abordar a questão dos feminismos.

São alargadas as formas de feminismo nos tempos que correm. Desde um feminismo marxista a um feminismo negro, as formas que este movimento abarca são inúmeras e providas de diferenças e pluralidades. Segundo Giddens (2008: 693), “As teorias feministas relativas à desigualdade de género contrastam marcadamente entre si. Correntes feministas concorrentes procuraram explicar as desigualdades de género recorrendo a uma variedade de processos sociais profundamente enraizados, como o sexismo, o patriarcado e o capitalismo”.

As teorias feministas surgiram no âmago da necessidade de batalhar contra estes processos enraizados – nomeadamente, o sexismo, o patriarcado e o capitalismo. O patriarcado confirma-se sendo um sistema social mediante o qual a sociedade obedece a figuras de autoridade primariamente do sexo masculino. Portanto, numa sociedade patriarcal, os indivíduos pertencentes a essa mesma sociedade obedecem às regras conduzidas perante as figuras com poder que são inexoravelmente do sexo masculino – ou seja, não há lugar para uma figura de poder do sexo feminino.

Analisando as diferentes formas de feminismo, podemos referir o feminismo liberal, primariamente. O feminismo liberal “procura as explicações para as desigualdades de género em atitudes sociais e culturais” (Giddens, 2008: 693). Ao invés daquilo que acontece com o feminismo radical ou socialista, as feministas liberais não compreendem o cerne das desigualdades de género e a subordinação da mulher como uma parte de um sistema ou

estrutura maior. As feministas liberais, não obstante, terem contribuído plenamente para as batalhas pela igualdade de género nos últimos anos, são ainda vítimas de críticas, sendo, assim, acusadas de não compreenderem como lidar com as causas originais da desigualdade de género e de não obterem o reconhecimento da natureza sistémica da opressão das mulheres. Segundo Giddens (2008: 694), “(...) as feministas liberais dão apenas uma imagem parcial da desigualdade de género. As feministas radicais acusam as feministas liberais de incentivarem as mulheres a aceitar uma sociedade desigual e o seu carácter competitivo”.

Seguidamente ao feminismo liberal e as suas objeções, pode-se referir o feminismo socialista e marxista. O feminismo socialista e marxista teve como berço do seu desenvolvimento o conflito marxista. Esta forma de feminismo e linha de combate demarca-se com rivalidade do feminismo liberal, promovendo uma acusação de que o feminismo liberal não possui capacidade para entender a “existência de poderosos interesses na sociedade contrários à igualdade das mulheres” (Giddens, 2008:694). As feministas socialistas e marxistas têm vindo a referir que os objetivos de natureza reformista do feminismo liberal são pouco adequados; deu-se um apelo à reestruturação da família, ao final da mencionada como “escravatura doméstica” e introdução de meios coletivos na criação de crianças, nos cuidados da família e na manutenção de um lar. “Seguindo Marx, muita gente acreditou que estes objectivos seriam atingidos através de uma revolução socialista, que iria criar a verdadeira igualdade sob uma economia centrada no Estado, instituída para responder às necessidades de todos” (Giddens, 2008: 695).

Seguidamente, fará sentido contribuir com o feminismo radical. O feminismo radical edifica-se na convicção de que os responsáveis pela subordinação do feminino são, na sua totalidade, os homens, os quais são os beneficiários da exploração das mulheres. Estas feministas “afirmam que os homens exploram as mulheres na medida em que contam com o trabalho doméstico gratuito realizado por elas em casa. Enquanto grupo, os homens negam igualmente o acesso das mulheres a cargos de poder e de influência na sociedade” (Giddens, 2008: 695). Em suma, o feminismo radical culpa de sobremaneira os homens pelas condições de desigualdade que são estruturais na sociedade. É realizado um recurso ao conceito de patriarcado, bastante comum em várias teorias feministas; desta forma, a relevância dada às violências masculinas e ao objetificar das mulheres trouxe estas

questões para discussão no âmbito das teorias feministas (Giddens, 2008). Urge-se uma teorização do patriarcado, uma noção muito premente nas concepções teóricas feministas ao longo dos anos. Segundo Walby (1990: 20), o patriarcado é “um sistema de estruturas e práticas sociais onde os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres”.

Seria pertinente avançar e definir aquele que é o feminismo negro – outro ramo de ação, teorização e intervenção feminista. Muitas feministas acreditam que as formas de feminismo existentes não refletem de igual forma o feminismo nas mulheres brancas e nas mulheres negras, sendo que as correntes feministas não tomam em atenção as distinções étnicas entre as mulheres. Foi esta insatisfação inerente às correntes feministas anteriores que levou e incitou ao desabrochar do feminismo negro. Assim sendo, segundo Giddens (2008: 698), “Os textos das feministas negras norte-americanas salientam a influência do poderoso legado da escravidão, da segregação e do movimento dos direitos civis sobre a desigualdade de gênero na comunidade negra.” Assim, as teorias da igualdade de gênero que não refletem o racismo de forma primordial não podem espelhar de forma premente as vivências das mulheres negras enquanto seres feministas. Há que reconhecer que as mulheres negras se encontram consideravelmente em desvantagem face às mulheres brancas, em considerações étnicas, posição de classe e sexo.

Similar ao âmago remetente ao feminismo negro, encontra-se o chamado feminismo pós-moderno. O feminismo pós-moderno evidencia em causa a ideia de que há uma base identitária e experiencial na qual se cingem as vivências experienciadas por todas as mulheres. A influência primordial desta corrente feminista fomenta-se no movimento pós-modernista das artes, da filosofia, da arquitetura e da economia. Ou seja, em vez de existir uma forma nuclear central da feminilidade, encontram-se inúmeros indivíduos e grupos todos com experiências bastante diversas – as mulheres heterossexuais divergem da experiência das mulheres lésbicas, as brancas das negras, as proletárias daquelas que pertencem à classe média ou abastada. Celebra-se, no núcleo do feminismo pós-moderno, a noção de alteridade.

Embora as entrevistadas não se refiram precisamente ao tipo de feminismo com que se identificam, pelas suas palavras e ambições, poderia ser um feminismo liberal, o mais comum nos dias que correm. A maior parte das organizações feministas dos dias de hoje organiza-se numa ótica de feminismo liberal. Seria importante referir que, segundo

Giddens (2007: 700), “Embora, durante muitos anos, as participantes nos movimentos das mulheres tenham desenvolvido laços com as activistas de outros países, a quantidade e a importância desses contactos aumentaram com a globalização”. Foi, através da globalização, que surgiu o feminismo para todos e todas.

No caso da segunda entrevistada, esta afirma, no presente, o seguinte – *“Sim, eu acho que sou bastante liberal, não sou nada conservadora e, principalmente, pelo curso que tiro, acho que não faz sentido eu ser conservadora. Então, eu sou, pronto, a favor do aborto, a favor da eutanásia... pronto, nesse sentido”*. Portanto, há aqui vestígios de um feminismo liberal e uma rejeição bastante firmada de um projeto de visão conservador. Mais à frente na entrevista, quando inquirida acerca do seu futuro e o papel das opiniões políticas, a segunda entrevistada afirma *“Eu, por acaso, nunca me imaginei em algum partido ou assim, mas há várias coisas que eu gostava de mudar, como é lógico, e uma das causas que mais me chamam a atenção é a causa LGBT, e a causa do feminismo e a causa animal”*. Uma vez mais, uma perspetiva profusamente liberal, com o apoio a causas LGBTQIA+ e feminismo e, interessadamente, visto que não foi mencionado por mais nenhuma entrevistada, a causa da proteção face aos animais.

A causa LGBTQIA+ é mencionada amiúde pelas entrevistadas. Segundo Giddens (2007: 651), “A sexualidade tornou-se uma dimensão da vida de cada indivíduo pode explorar e desenvolver. Se a sexualidade foi ‘definida’ outrora em função da heterossexualidade e da monogamia no contexto das relações matrimoniais, hoje há uma aceitação cada vez maior de orientações e comportamentos sexuais diversos numa ampla variedade de contextos (...)”. Nos dias que correm, a sexualidade já não é envolta numa aura de heterossexualidade obrigatória, o que faz com que pessoas queer projetem as suas crenças políticas numa luta por direitos – por exemplo, a adoção por casais queer, o casamento homossexual. Uma vez mais, segundo Giddens (2007: 652), “Judith Lorber (1994) distingue dez identidades sexuais, a mulher heterossexual, o homem heterossexual, a mulher lésbica, o homem homossexual, a mulher bissexual, o homem bissexual, a mulher travesti (...), o homem travesti (...), a mulher transexual (...) e o homem transexual”. Sendo tão vasta a gama de identidades sexuais, a sua expressão no mundo físico e real é ainda mais intensa e multifacetada. Daí ser necessária uma

convicção política que defenda os direitos e as expressões de género e sexuais de forma frisada.

Nenhuma das entrevistadas afirma pertencer a uma juventude partidária, o que é significativo, visto que são uma amostra de mulheres jovens, com opiniões vincadas acerca de feminismo, causas animais, questões sexuais e de género, ou seja, da comunidade LGBTQIA+, a favor do aborto e da eutanásia (todas elas).

Procedamos, então, à terceira entrevistada. Nas palavras da mesma, *“Eu nunca participei em marchas por uma razão simples. Hum, aliás, por várias. Gosto e apoio essas iniciativas, mas a questão de transportes para mim, que não tenho transporte próprio, recorro a transportes públicos, é complicada, porque as horas são muito desfasadas”*. A terceira entrevistada afirma que gostaria realmente de participar nestas iniciativas, principalmente na causa LGBTQIA+, mas que os transportes que a trazem ao Porto não são bem arrançados e facilmente úteis. Por mais palavras da entrevistada, *“E algumas dessas marchas também... por exemplo, a LGBT era a que eu mais queria participar, é durante o verão, o que ainda corta mais os transportes públicos e eu sei que traz demasiado transtorno então por norma não participo. Outra coisa é também às vezes não ter companhia, eu sei que se efetivamente e se estivesse na marcha até podia arranjar novas amizades ou pessoas com quem me dar e assim, mas não tenho esse tipo de predisposição, sou um bocado mais tímida nesse aspeto, então não quero ir sozinha, gostava de ter alguém com quem ir, não queria ir sozinha, então a falta de companhia e a questão dos transportes são o que me fazem, por norma, não participar, mas espero no futuro, vir a participar”*.

É interessante ver como a questão da distância e das incertezas quanto às organizações das marchas impactam a participação destas jovens mulheres na vida política. Uma questão a ser abordada é também o facto de não haver publicidade a marchas como o orgulho LGBTQIA+, a marcha das mulheres ou, até, marchas do foro juvenil e universitário (por exemplo, contra o aumento de propinas na faculdade). A tem dificuldades face aos transportes, devido à zona em que vive, e, deste modo, vê-se privada de participar nas marchas que ambiciona participar.

No tocante às pertencas a juventudes partidárias, a terceira entrevistada é bastante pragmática na sua resposta. Segundo a entrevistada, *“Eu não quero fazer parte de nenhuma juventude partidária, porque não me identifico em totalidade com nenhum partido político. Eu faço o meu dever em votar como cidadã. A minha convicção é mais à esquerda. É sempre à esquerda, por norma. Juventudes partidárias não me atraem”*. No entanto, a terceira entrevistada afirma-se, como a maioria das entrevistadas, como uma cidadã mais à esquerda no âmbito do espectro político. Relativamente às suas convicções políticas e partilha das mesmas, esta afirma o seguinte: *“Já cheguei a partilhar nas redes sociais. Mas recebia mensagens desagradáveis. Uma pessoa em particular mandou-me várias mensagens de teor político bastante desagradáveis.”* Com esta experiência desagradável pela qual passou, esta acabou por delimitar de forma mais ínfima a sua partilha de questões políticas, por exemplo, nas redes sociais.

Relativamente à segunda entrevistada no que se relaciona com a participação em marchas, esta diz o seguinte: *“Não, por acaso não. Gostava muito, mas eu não sei como é que as pessoas têm acesso a isso. Como é que se sabem as datas e essas coisas (risos) Se não eu gostava de ir!”*. É interessante sublinhar a crítica latente às marchas nesta resposta. Não há grande publicidade às mesmas e torna-se, portanto, complicado, para as entrevistadas e muitas outras jovens decerto, aderir a estas iniciativas. A terceira entrevistada queixa-se da questão dos transportes, ao passo que a segunda entrevistada é honesta e frisa que não tem acesso às informações relativas às marchas. Ambas estas entrevistadas afirmam ter interesse principalmente na Marcha LGBTQIA+, mas não possuem oportunidade de participar, em parte porque é complicado para elas obter transportes e informações. Desta forma, pode-se verificar que, aquando destas marchas, não há uma grande divulgação de informação, não há registos nas notícias nacionais, sendo que, por falta de acessibilidade de transportes e comunicação, muitas pessoas acabam por não efetuar participação.

A segunda entrevistada ainda mostra algum interesse na causa animal, a par da causa LGBTQIA+, porém não afirma imaginar-se num partido político. Segundo a mesma, *“Eu, por acaso, nunca me imaginei em algum partido ou assim, mas há várias coisas que eu gostava de mudar, como é lógico, e uma das causas que mais me chamam a atenção é a causa LGBT, e a causa do feminismo e a causa animal.”*

Todas as entrevistadas afirmam-se, a pés juntos, feministas, sem, contudo, precisar a forma de feminismo a que pertencem. Como já foi afirmado anteriormente, há uma pluralidade de formas de feminismo, que se foram formando e desenvolvendo ao longo das décadas.

Torna-se, portanto, premente verificar as respostas da quarta entrevistada. Segundo a quarta entrevistada, esta não se envolve muito em esquemas políticos – *“Okay... a nível de política, eu não estou muito dentro dos partidos, mas não tenho um partido fixo. Quando há eleições, vejo as propostas de cada partido, claro, mas não estou muito dentro desse mundo”*. No entanto, esta entrevistada já participou em alguns projetos no âmbito do feminismo, expressando interesse pela causa – segundo a quarta entrevistada, *“A nível de feminismo, eu já fiz parte e participei em alguns projetos, o teatro do oprimido da mulher, e fiz parte como estagiária a orientar uns grupos que eram para a promoção cívica e da cidadania e dos direitos humanos a nível das mulheres, e tive oportunidade de participar nesses grupos focais, que existiam para os jovens e pela parte mais da educação não formal, não tanto promover só uma discussão, mas sim algumas ferramentas que eles possam levar para ali para fora e acho que, a este nível, estive mais ou menos envolvida”*. Sendo assim, denota-se o interesse da quarta entrevistada na causa inerente aos direitos das mulheres. A quarta entrevistada revela, ainda, que ainda mantém contacto com a orientadora do projeto do teatro do oprimido para o caso de querer efetuar participação em mais projetos da mesma natureza. A entrevistada diz, também, que tenta não extrapolar muito as suas convicções políticas orientadas mais à esquerda, pois há amiúde confrontos de ideias.

Quando inquirida à forma como deseja mecanizar as suas convicções políticas, no futuro, a quarta entrevistada afirma que é pela educação e pela gestão de conversas e debates que desconfia que seria a melhor forma de agir. Segundo a entrevistada, *“A nível de fomentar isto no futuro eu acho que as escolas têm um papel fundamental. Então a criação de momentos de debate e de explicação, o que é que é isto de política, e o que é que é isto de ter partidos, o que é que é isto de votar e o essencial de irmos a uma urna e votarmos e percebermos efetivamente quando é que são as eleições, de que forma é que eu conheço um partido, como é que leio, como vejo os debates e assim, acho que é fundamental, eu acho que seria essencial, futuramente, criar-se projetos e mesmo*

até disciplinas que focassem muito isso". A quarta entrevistada, curiosamente, a única entrevistada que sugere uma abordagem educacional mediante as questões de ordem política e a única que demonstra uma quase voracidade de agir, porém, interessantemente, não pela via "mais fácil", que seria por via da junção a uma juventude partidária.

Segundo Duarte (2023: 63), "Barky (1990) afirma que as mulheres têm sido sujeitas a uma modernização do poder muito próxima daquela que Foucault refere; isto é, o poder violento, pessoal e visível do patriarcado tem sido progressivamente substituído pelo mais anónimo, invisível e, em certo sentido, num compreensível poder disciplinar das instituições e suas práticas". Há uma cultura que sugere uma submissão da mulher ao poder do patriarcado e isto não passa de forma desapercibida pelas entrevistadas, de forma que esse poder agora se transmuta numa força mais invisível, mais desbotada, mas nem por isso mais apagada. Estas jovens mulheres pretendem fazer algo para mudar o panorama. Sendo formadas nas áreas sociais, sente que possuem uma necessidade e as ferramentas necessárias para cambiar uma situação profusamente desigualitária.

Segundo Duarte (2023: 33), "O feminismo pós-moderno partilha esta crítica ao essencialismo dos feminismos tradicionais, mas complexifica o debate. Bebendo da teoria queer, o feminismo pós-moderno contraria a própria ideia de "mulher" como uma categoria autoexplicativa". Tendo em atenção a teoria queer, a essência de se ser mulher torna-se mais profunda. E, deste modo, o feminismo torna-se ainda mais frisante e temático. Se ser mulher é uma condição que não se nasce, mas sim que se torna, o feminismo assume contornos muito mais intensos e vincados. E as entrevistadas estão a par de tal.

No caso da quinta entrevistada, constrói-se um panorama distinto. Como a quinta entrevistada afirma, segundo a mesma, *"Em relação a marchas, feminismos e assim, eu tenho a minha posição, mas não participo. A nível político, participo, mas se fosse neste momento, acho que nenhum me identifico a cem por cento. Exerço o direito de voto, enquanto mulher, mas não estou muito presente. Não é algo que diariamente me dê prazer"*. Neste caso, a extrapolação das questões políticas não é tão vincada de

assumida, embora a entrevistada afirme que possui as suas convicções relativas ao feminismo bastante bem assentes.

Mais à frente na entrevista da quarta entrevistada, esta é inquirida acerca do que sente que poderia fazer de forma a mudar o panorama que se vê em Portugal, nos dias que passam. Segundo a entrevistada, *“O que eu queria fazer... Eu acho que pequenas ações podem mudar alguma coisa. Eu acho que o facto de montarmos um projeto pequeno na nossa cidade, já mudaria alguma coisa. Mudaria pensamentos, mudaria forma de ver as coisas, formas de pensar. Eu, sendo uma, se fosse tentando mudar uma pessoa, já faria sentido, porque depois essa pessoa iria falar, acho que é tudo como uma bola de neve.”*

Desta forma, a quinta entrevistada diverge-se das restantes. Não ambiciona algo de grandioso que possa fazer a diferença, mas sim acredita que o nuclear para se efetuar a diferença são as pequenas ações. Como esta diz, concretamente, montar projetos pequenos que possam ir mudando, lentamente, as mentalidades. Projetos mínimos podem mudar de forma grandiosa a mentalidade de uma pessoa – e, mudando a mentalidade de uma pessoa, mais poderão vir por acréscimo. Torna-se, portanto, um movimento de bola de neve bastante natural e quase que orgânico.

Em suma, pode-se inferir, pelas respostas dadas pelas entrevistadas a estas questões inerentes à vida política e maquinações políticas, que, não obstante a falta de participação em marchas e juventudes partidárias (amiúde, muitas destas faltas são por falta de informação por parte das organizações que maquinam as marchas), estas jovens exercem o seu direito de voto com bastante cogitação e procuram informar-se de forma coesa acerca das deliberações de cada candidato e de cada partido. Uma falta de interesse em movimentar uma vida política individual não implica um desinteresse pelo futuro do país, como se pode concluir pelos testemunhos das entrevistadas. Não é preciso marchar para se poder votar no partido de eleição (ou, por vezes, no mal menor).

5.7. Práticas Lúdicas e de lazer, disciplinas favoritas no básico e secundário e as suas interligações

No âmbito do lazer, as entrevistadas são vagas nas suas perceções. Com a exceção da primeira entrevistada, que recorda a sua ligação ao Teatro. Segundo Lopes (2023, pág. 226), “O leque das práticas culturais comuns não é diversificado. Aquelas que se enquadram em instituições legitimadas da cultura consagrada estão ausentes do horizonte de expectativa das entrevistadas”.

As primordiais formas de lazer no caso das entrevistadas são a leitura e a escuta de música. Muitas delas revelam que a sua disciplina favorita no secundário era a língua portuguesa. É, então, de revelar que estas entrevistadas possuem, consequentemente, uma certa afinidade por atividades relacionadas com a leitura. No entanto, com algumas exceções, as entrevistadas tendem a ser vagas na enumeração dos seus lazeres. Segundo Lopes (2023: 227), “Se afrouxa a crença nos mecanismos de institucionalização e celebração de certas obras e de um determinado modo de relação com elas (...), tal significa, pelo menos parcialmente, alguma perda do seu valor modelar e distintivo, uma vez que os agentes sociais deixam de participar num jogo preestabelecido de ostentação cujos parâmetros são arbitrariamente definidos pelas classes dominantes”. São poucas as vezes que as entrevistadas afirmam, por exemplo, ir ao cinema.

No caso da primeira entrevistada, esta relembra, no âmbito dos seus lazeres, a sua ligação ao teatro. Como ela própria afirma, *“Gosto de ir ao cinema... de ver vários filmes. Gosto de ouvir música; de vez em quando, como já tive no passado uma ligação ao teatro, de vez em quando vou ver uma peça de teatro; gosto de estar com os meus amigos; gosto, também, de tirar tempo sozinha; e gosto muito de ir ver o mar”*. Como a

primeira entrevistada tirou o curso de atriz, como base no ensino secundário, criou-se, entre ela e a arte, um elo bastante firmado, o qual se denota grandemente pelas palavras da mesma aquando da entrevista. Esta gosta de ver as performances de outros, como ela, atores e atrizes, e encontra nessa atividade uma forma de lazer. Curiosamente, esta primeira entrevistada é a única que menciona que gosta, efetivamente de tirar um tempo sozinha. Gosta de ir ver o mar, no âmbito do seu tempo para estar sozinha. Embora outras entrevistadas afirmem gostar de atividades solitárias, como, por exemplo, como já foi dito anteriormente, a leitura, as mesmas não indicam por palavras que gostam, de facto, de estar sozinhas. A solidão e o ato de ser solitário não é abordado pelas entrevistadas.

No entanto, sublinha-se a questão do teatro no caso da primeira entrevistada. Segundo a entrevistada, quando inquirida acerca do futuro dos seus lazes, esta diz o seguinte: *“(O teatro) isso foi uma questão que eu coloquei a mim própria, bastantes vezes, porque é importante referir que quando tirei o curso de atriz, não é, foi do décimo ao décimo segundo. Eu tirei na altura esse curso e achava que era isso que realmente queria. Isto...pronto, depois veio a pandemia e eu mudei de ideias”*. Confirma-se, então, que se deu uma certa confusão com a questão da orientação vocacional da primeira entrevistada, o que aconteceu também com outras entrevistadas. A terceira entrevistada, foi para o seu curso por segunda opção, e a quarta entrevistada afirma, a pés juntos, que o sonho dela é tirar Psicologia, quando terminar o mestrado que se encontra a tirar. No caso da primeira entrevistada, a opção foi grandemente afetada pela *pandemia*, porque, antes desta, o grande objetivo desta era seguir com o teatro na sua vida.

Assim sendo, os lazes da primeira entrevistada ficar-se-ão pelo cinema, pelas peças de teatro, sem, contudo, participar ativamente na vida artística. É curioso como os sonhos se transformam à medida que a vida avança – isto, porque a primeira entrevistada afirma estar satisfeita com a sua formação atual. Assim como a terceira entrevistada.

No caso da segunda entrevistada, de 20 anos, esta remonta o seu interesse pela leitura a uma época na sua infância em que leu “O mundo em que vivi”, de Ilse Losa. Nas palavras da entrevistada, acerca dos seus lazes no presente, *“Eu gosto muito de ouvir música e de ler. Acho que são os meus principais, assim, momentos de lazer. Agora uma*

boa pergunta é como é que eles me ajudam a construir a minha identidade... relativamente a agora no presente, não sei se posso responder isto, mas li um livro quando era mais nova, que foi esse que me ajudou a desenvolver o gosto mais pela leitura, portanto é aquele que está ali (aponta um livro na biblioteca onde estamos sentadas), é aquele que é... aquele da menina que já não me recordo o nome... “O mundo em que vivi”!” Como outras entrevistadas, a segunda entrevistada refere a escuta de música, no entanto frisa e relembra qual o livro que lhe despertou o prazer e o gosto pela leitura. Embora outras entrevistadas falem acerca do seu gosto pela música e pela leitura, são poucas aquelas que recordam tão vividamente, quando a segunda entrevistada, o debutar do interesse em específico. Não obstante, quando inquirida acerca dos seus lazes no passado, a entrevistada fala, uma vez mais, sobre o livro “O mundo em que vivi”, sublinhando que gosta muito de ler sobre acontecimentos históricos. No caso da música, ela própria afirma o seguinte – *“Eu, com a música, sempre gostei, sempre tive muita facilidade em decorar letras de músicas, então eu adorava, então ainda agora eu gosto, decoro tudo”*. Não obstante haver muitas pessoas que gostam de música, entre elas as entrevistadas da presente dissertação, a segunda entrevistada é a única que menciona este “superpoder”, o de decorar, desde pequena, todas as letras das músicas que escuta. Pode-se inferir, desde aí, não somente uma boa memória, mas uma escuta ativa várias vezes das mesmas músicas.

No seguimento da entrevista à segunda entrevistada, esta fala acerca do desenvolvimento que almeja para os seus lazes no futuro. Neste ponto da entrevista, a entrevistada revela outra questão: segundo as suas palavras, *“E além disso, desde que eu comecei a frequentar a faculdade, também comecei a interessar-me por ler artigos sobre a área, então também pretendo continuar a fazê-lo, para que assim continue a ter mais conhecimentos e possa atuar da melhor maneira”*. Ao longo da sua aprendizagem no ensino superior, esta entrevistada, à semelhança da terceira entrevistada, diz que tomou gosto à literatura inerente à sua área de formação. Um lazer que se afasta do momento de lazer, intercalando-o com a vida profissional futura. É quase como se a formação, no ensino superior, estivesse a transmutar a identidade de uma jovem mulher, de forma a penetrar na mesma. Segundo Lopes (2023: 226), “Assim vividas, as práticas culturais prefiguram um modo de relação distraído, imerso na banalidade dos

afazeres, des-ritualizado e sem ruturas face ao mundo da vida quotidiana”. As atividades de lazer destas jovens mulheres não são ritualizadas, a não ser as idas para ver o mar da primeira entrevistada. A des-ritualização destas práticas de lazer fomentam um ânimo leve encarado sobre as mesmas.

No caso da terceira entrevistada, esta divaga bastante quanto às suas variadas práticas de lazer. Foi, desta forma, a entrevistada mais duradoura na sua descrição de práticas lúdicas ou de lazer. Debuta com a escuta de música – *“Eu ouço bastante música, ouço principalmente no autocarro, os géneros são muito variados, são mesmo muito variados, passam por diferentes países e regiões do mundo e etc etc”*. Aqui, fala-se de um ecletismo por baixo – ou seja, segundo Lopes (2023: 228), *“Queremos com esta expressão estabelecer uma distância face ao omnivorismo cultural, uma vez que este tem sido utilizado para designar perfis culturais que transgridem barreiras de legitimidade cultural”*, ao invés de *“um ecletismo por cima, pois é ativado em função de um alto capital escolar e de um à-vontade cultural que dita elegante e alegremente as suas regras e modas, fazendo e desfazendo interditos, modos de gostar, repertórios”* (Lopes, idem). A, ao afirmar que os seus gostos musicais transladam géneros e regiões do mundo, delimita-se, inconscientemente, a um ecletismo por baixo, acentuando o omnivorismo cultural a que o sociólogo João Teixeira Lopes se refere.

Na sua resposta ao ponto de inquirição da entrevista, a terceira entrevistada fala acerca dos seus hábitos de leitura. Segundo a mesma, *“Também gosto de ler, não leio tanto quanto deveria na minha opinião, mas gosto de ler também porque eu acho que os livros são um bocado caros e eu não tenho grande paciência para ler em formato digital, porque dá-me dores de cabeça e magoa-me os olhos, portanto eu prefiro ler em papel e mesmo livros em segunda mão são mais caros do que o que eu posso pagar, porque sou estudante bolseira e atualmente não trabalho, então pronto, o dinheiro está contado”*. A terceira entrevistada é a única entrevistada que se assume como estudante bolseira e não teme em dizer que o dinheiro está contado. Na sua resposta relativa aos seus hábitos de leitura, esta afirma que gosta, efetivamente, do ato da leitura, no entanto expressa uma crítica ao preço a que os livros são faturados. Segundo a entrevistada, mesmo os exemplares em segunda mão são caros demais para o que o dinheiro pode obter. Como a terceira entrevistada afirma, o dinheiro encontra-se contado, uma vez

que a entrevistada não possui um emprego. Também é mencionada a questão da leitura em modo digital, a qual a entrevistada refere ser algo a que não se consegue acostumar, de forma a não poder usufruir dessa vertente literária, uma vez que provoca cansaço nos olhos e dores de cabeça. É curiosa esta menção dos malefícios de uma transformação tecnológica que modificou o universo da leitura, com a emergência de aparelhos como kindles e pocketbooks -, assuntos, nos quais, nenhuma outra entrevistada, embora adepta da atividade da leitura, tocou. Segundo Lopes (2023, pág. 157), “Assim, conter despesas, hierarquizar necessidades, saber valorizar o que se tem fazem parte de um património de disposições que acentua a escolha do necessário e o gosto pelo frugal, dispensando qualquer desejo por aquilo que é representado como ‘luxo’(...) ou supérfluo (Bourdieu, 2010)”.

A terceira entrevistada fala, também, acerca do seu amor por séries e cinema. Segundo a própria, *“Também é um espectro muito grande, desde animação a ação, fantasia, filmes de aventura, filmes de épocas festivas, por exemplo do Halloween que passou há pouco tempo, do Natal, que vem aí. Sou muito diversa. Também gosto muito de animação japonesa, anime, vejo bastante e também costumo passar os fins-de-semana com o meu namorado e nós utilizamos os fins-de-semana para sair, também é uma das atividades de lazer”*. É curiosa a admiração da terceira entrevistada por algo que mais nenhuma das entrevistadas menciona – a animação japonesa. Mais à frente na entrevista, esta explica que as histórias em animação são profusamente complexas e que, ao longo da sua infância e adolescência, estas auxiliaram a entrevistada a valorizar os seus amigos e as suas relações do quotidiano. As histórias das quais a entrevistada mais gosta são precisamente desse foro. Também há animação japonesa que fala bastante acerca de desporto, o que a terceira entrevistada considera que foi fundamental para a construção da sua paixão pelo exercício físico e, subsequentemente, da sua subida de notas de Educação Física, no secundário. Segundo a terceira entrevistada, *“No ensino de segundo e terceiro ciclo, gostava muito de português, ciências, história. Sempre gostei muito dos animais. Também comecei a ter um apreço diferente por educação física. Uma série de animação japonesa ajudou-me”*. Portanto, com a ajuda de uma série de animação japonesa, foi criado um vínculo forte à disciplina de Educação Física – que é uma disciplina à qual mais nenhuma entrevistada se refere.

Em termos de disciplinas de secundário e de educação básica, estas jovens mulheres tendem a falar mais especificamente acerca do seu apreço por disciplinas como história e português. No seu geral, não são grandes apreciadoras de matemática e de ciências naturais. O português e o hábito da leitura andam, neste caso, de mãos dadas – a entrevistada terceira menciona, por exemplo, ter tido a disciplina de literatura durante um ano e de esta disciplina a ter marcado bastante.

Passando à quarta entrevistada, acerca dos seus lazeres. Mais uma vez, a menção bastante premente da leitura. Segundo a entrevistada, *“Então, leio, gosto muito de ler, ouvir música, caminhar, gosto de sair com amigos, passar tempo com a família. Acho que é muito isso, passear ao ar livre, gosto de estar no quintal e no jardim”*. Mais à frente na entrevista, a quarta entrevistada menciona, precisamente, possuir uma cadeira específica no seu quarto para a atividade da leitura – *“A nível da casa... no meu quarto, tenho uma cadeira onde gosto de ler, onde faço as minhas leituras, para estar mais concentrada, ouvir música”*. Isto dito, no entanto, numa lógica de resposta a uma outra fação de questões no guião de entrevista (esta resposta foi dada no âmbito da perceção do espaço doméstico – no qual, amiúde, as entrevistadas mencionaram especificidades dos seus lazeres).

Há, portanto, aqui, uma extensão do lazer ao espaço doméstico. O lazer não se traduz somente em saídas com amigos, cafés e desporto. Há uma componente muito premente do lazer no espaço doméstico, principalmente na maior parte das entrevistadas, uma vez que a esmagadora maioria destas é adepta da leitura. A escuta de música também é profusamente mencionada, no entanto é a terceira entrevistada, que menciona de forma mais alargada os seus gostos musicais. A entrevistada menciona, por exemplo, a sua adoração tenra pelo género musical KPOP. Segundo a terceira entrevistada, *“Ouvia muita música, nos meus 14 anos, quando comecei a gostar de KPOP. Ajudava-me a abstrair de tudo. Eu era capaz de passar horas a ver isso”*. A terceira entrevistada, no entanto, diz que, no presente, já não ouve tanta música como escutava antes, devido ao facto de passar menos tempo em viagens de autocarro e camioneta.

Retornando à quarta entrevistada. Esta fala acerca da leitura como um eixo altamente determinante na direção dos seus lazeres. Segundo as palavras da mesma, no âmago da entrevista direcionado ao passado e aos lazeres em desenvolvimento aquando da

infância e adolescência, *“Então, de ler, eu sempre tive muitos livros desde pequenina, a minha mãe e o meu pai sempre me compraram aqueles livros para mim e para os meus irmãos, que eu acho que até dá para pôr no banho, nós andávamos sempre com eles, então ao início eram só imagens”*.

Mais tarde na entrevista, quando inquirida acerca das pessoas que mais admira, a quarta entrevistada diz, sucintamente e sem hesitação de qualquer tipo, a mãe. Segundo a entrevistada, *“Acho que a minha mãe sempre foi um exemplo para mim, e a forma dos valores e como nos educa. Acho que ela é um exemplo pelos valores que passa, e que sou um espelho dela. Eu sigo os passos dela”*. Não é invulgar a resposta, mas torna-se uma resposta curiosa quando confrontada com a restante transcrição da entrevista. A admiração da quarta entrevistada pela mãe torna-se reconhecível pelos meandros do seu discurso, de forma orgânica e prolífera.

Todavia, quando confrontada com as suas disciplinas favoritas, no âmbito do ensino básico e secundário, a quarta entrevistada revela que fez o seu ensino secundário e básico no âmbito do conservatório, de forma que as suas disciplinas favoritas estavam relacionadas e inerentes à veia artística proporcionada pelo contacto com a música. No entanto, tirando as disciplinas musicais, segundo a própria – *“Sem ser a parte mais artística, era português, eu realmente gostava bastante, nunca fui uma aluna assim excelente, porque eu tenho dislexia”*. Uma das disciplinas de que a quarta entrevistada mais gostou no âmbito da parte artística foi história da música, que, por sua vez, a entrevistada afirma que a auxiliou muito para a vida na faculdade.

Vê-se, portanto, aqui, uma grande adoração pela disciplina de língua portuguesa por parte da quarta entrevistada, assim como por parte das restantes entrevistadas, embora haja casos em que esta adoração vem conjugada com uma outra disciplina. Por exemplo, no caso da terceira entrevistada, era a educação física e a literatura, no caso da quarta entrevistada, a história da música. Muitas entrevistadas falam acerca da disciplina de história – o que também se encontra interligado ao gosto pela leitura. No caso da segunda entrevistada, esta menciona mesmo um livro específico, *“O mundo em que vivi”*, de Ilse Losa, e revela que, com esse livro, tomou o gosto pela leitura, pela parte histórica remetente à segunda guerra mundial. A história, portanto, adquire um papel relevante no trajeto escolar da maioria das entrevistadas. No caso da segunda

entrevistada, esta afirma o seguinte – *“as minhas disciplinas favoritas eram sempre o português e o inglês e as artes visuais. Depois, eu fui para o secundário, onde frequentei o curso de Turismo, e as minhas notas começaram a melhorar, porque era algo que eu gostava muito. Por exemplo, sempre detestei matemática a físico-química, então eu não me sentia tão... tão feliz com o que estava a fazer”*. Assim como a primeira entrevistada, tirou o curso de atriz no secundário, a segunda entrevistada frequentou o curso de turismo, do qual gostou muito. Afirma, ainda, que as suas notas começaram a subir quase de imediato com o ingresso no curso de turismo no secundário.

No entanto, estas entrevistadas não seguiram o caminho para o qual sentiam estar traçadas no secundário. Urge-se, então, uma menção ao conceito de “fase”. Segundo Brandão (2010, pág. 68-69), *“A fase corresponde a um período de tempo que distingue a vida entre um antes e um depois, sugerindo a existência de um tempo social caracterizado pela ausência de certezas (idem: 202-205)”*. Pode-se, portanto, afirmar que estas entrevistadas tiveram fases. E, havendo um antes e o depois, denota-se os interesses no presente: por exemplo, a quarta entrevistada, que cursou música, ainda tem o gosto por ouvir música, a primeira entrevistada, que andou no teatro, continua a gostar de ir ver algumas peças de teatro. Assim sendo, há um antes e um depois bastante firmado, nas trajetórias escolares e ligadas ao lazer destas entrevistadas. Pode-se, ainda, mencionar o caso da terceira entrevistada, que começou a dar valor à disciplina de educação física após a visualização de uma animação japonesa: há, aqui, um antes e um depois, uma fase que transita e que revela mais do que aquilo que se espera.

Por fim, relativamente à quinta entrevistada esta tem lazes que saem um pouco da caixa. Segundo a mesma, quando inquirida acerca dos seus lazes no presente, *“Eu faço muita coisa no meu tempo livre. Eu ando nos coros, tenho aulas de canto, sou catequista, sou membro do grupo de jovens, faço muita coisa, para além de estudar. Acho que isso, em mim, reflete a capacidade de organização, tenho de ser extremamente organizada para conciliar tudo isto, mais o trabalho, mais todas as atividades que tenho fora da faculdade”*. A quinta entrevistada, ao contrário de quaisquer outras das entrevistadas, é catequista, o que já a marca pela diferença. Assume-se, portanto, uma pessoa religiosa com prática recorrente. Seria, também, pertinente referir esta organização do tempo e do trabalho, por parte da entrevistada. Quanto mais vastos e diferenciados os lazes

que se colocam em prática, mais intensa é a vivência do cotidiano, e estas entrevistadas organizam de forma impressionante o seu tempo. No caso da quarta entrevistada, por exemplo, esta vai ao ponto de distinguir o seu espaço pessoal no seu quarto de forma a destringir o espaço de trabalho e o espaço de lazer/dormir, com, claro, uma cadeira específica para a leitura ou para a escuta de música.

Volvendo à quinta entrevistada, quando esta fala acerca dos seus lazes em construção no passado, conta a história de como se envolveu no âmbito do canto e da performance musical – *“Então, eu comecei a gostar muito de cantar, eu entrei no coro com a minha irmã, quando ela tinha ensaios, eu tinha de ir com ela, isto foi no segundo ano. Eu continuei, ela saiu aos 14 anos. Depois comecei a desenvolver outras capacidades que eu própria nem sabia que tinha. Comecei para a banda musical daqui e tenho aulas de canto lá e frequento o coro profissional”*. Portanto, o desenvolvimento de lazes da quarta entrevistada esteve aproximadamente inerente aos lazes de sua irmã. Isto auxilia numa conjugação e organização de tempo livre, com as práticas inerentes à própria educação. A admiração que a quinta entrevistada sugere ter pela sua irmã coaduna-se bastante com a admiração que a quarta entrevistada tem pela sua mãe. Todavia, quando a segunda entrevistada foi inquirida acerca das suas admirações no âmbito familiar, curiosamente somente mencionou o seu avô, sem explicação, não tocando em mais membros da família.

5.8. Ansiedades e Consumiões: futuro

“O presente nunca é só presente. Nele se cruzam temporalidades várias. Passado, presente e futuro interagem no aqui e agora da vida das pessoas e na narração que estas fazem do seu percurso”- (Lopes, in “Elas”)

A ansiedade e a depressão encontram-se bastante presentes nos discursos destas entrevistadas. Todas elas com as suas razões mais variadas e mais distintas: desde preocupações e consumiões relativas aos futuros profissionais, como ansiedades de

depressões nascidas de traumas de infância. Deste modo, exige-se uma análise destes discursos, de modo a compreendê-los com mais afinco.

Debutando pelo caso da primeira entrevistada. Esta relaciona as suas consumições e ansiedades com as suas preocupações inerentes ao curso que tirou. Não obstante achar o seu curso um curso bastante premente e necessário, não sente haver visibilidade no mesmo. Segundo as palavras da própria, *“Assusta-me um bocadinho... isto vai ser um bocadinho contraditório, mas é verdade: o curso que escolhi é bom, considero um curso interessante e preciso, nos dias de hoje, mas assusta-me o facto de não ser valorizado, como deve ser e de... sinto que muitas instituições não querem atualizar-se relativamente às pessoas que têm lá dentro e aos novos valores, vá, direitos e assusta-me um bocadinho esse fator”*. Não é contraditório, como a entrevistada diz, mas sim executa bastante sentido. Para a primeira entrevistada, foram muitos anos a estudar e, quando se prepara para ir para o “mundo real”, este apresenta-se como um mundo em que parece que não são necessárias as ferramentas que a primeira entrevistada passou quase 5 anos a estudar. Não é incomum alguém perguntar “para que é que isso serve?”, o que pode ser um motor gerador de tremendas ansiedades e consumições. Depois, há a questão do facto de que as instituições não demonstram interesse em atualizar-se e verem os novos valores e direitos que surgem à luz dos dias atuais. São preocupações tremendamente compreensíveis.

Quando inquirida acerca das suas ansiedades na infância, a primeira entrevistada revela o seguinte – *“Eu tinha, na altura, pronto, tinha, sou muito ligada aos meus pais, então tinha... tive sempre aquele receio de quando crescer como vai ser? Temos de nos desenrascar, de nos tornar independentes”*. Uma ansiedade deveras comum na infância e na adolescência: o crescer, o “sair do ninho”, utilizando uma expressão mais corrente. Serão poucos os jovens, de todos os sexos, que nunca terão sentido algo similar, relativo a esta vertente do processo de crescimento.

No caso da segunda entrevistada, há uma contextualização de ansiedades e consumições diferente. Segundo a entrevistada, *“Eu sofro de ansiedade, então eu basicamente eu sou ansiosa em relação a tudo. No geral”*. Não há um foco para a ansiedade da segunda entrevistada, esta está omnipresente na sua vida. Como outras entrevistadas cujas ansiedades serão analisadas mais em frente, a ansiedade, não

obstante amiúde um motor para a realização dos processos do quotidiano, torna-se um entrave.

No entanto, quando inquirida acerca da sua saúde mental em infância e adolescência, a segunda entrevistada revela um pouco mais da sua história. Segundo as suas palavras, *“Eu acredito que a minha ansiedade tenha começado na pré, porque eu tive uma professora que, eu não quero dizer que ela fizesse maus-tratos, mas também não tratava muito bem as crianças e foi a partir desse momento que eu comecei a sentir ansiedade: eu não queria ir para a escola, chorava, não queria e na altura fui diagnosticada com uma depressão infantil. Depois, os meus pais tiraram-me da escola e, pronto, melhorei. Só que a ansiedade a partir desse momento seguiu-me sempre e até hoje tenho”*. Segundo Lopes (2022: 182), “Os relatos traduzem ainda a importância da influência mobilizadora de alguns professores. Embora registem casos de influência nociva (ou porque faltavam muito, ou porque tinham problemas de saúde mental, ou porque eram exageradamente punitivos)”. A influência de figuras com poder que não o utilizam de forma prolífica torna-se nociva e, como espelha o caso da segunda entrevistada, pode deixar marcas até cerca de 20 anos depois.

Torna-se, aqui, evidente que houve um motor que despoletou a ansiedade da segunda entrevistada: a sua professora na pré-primária. Uma tenra idade para ser diagnosticada com depressão infantil, deveras. Não é pouco comum sentir ansiedade em relação à escola, porém uma ansiedade que se releva e que funciona como um impedimento para as vivências naturais de cada idade é mais perigosa e são cada vez mais, como se pode depreender destas entrevistadas, as mulheres jovens que sofrem de ansiedade. O ensino é um fator de stress, inquestionável, e isso pode amiúde levar os jovens ao consumo, por exemplo, de ansiolíticos, como é o caso da terceira entrevistada.

A terceira entrevistada menciona como um dos fatores que mais sublinha a sua ansiedade o facto de ter sido a primeira pessoa da sua família a entrar no ensino superior e a licenciar-se. Segundo as palavras da própria, *“Eu sou a primeira pessoa da minha família, tanto do lado materno, como paterno, a entrar na faculdade. E, aliás, tenho um primo meu, francês, que entrou, mas que desistiu no primeiro semestre, portanto a entrar e a concluir um grau de faculdade e neste caso até, quase a concluir um segundo”*. Como se pode apreender pelas palavras da terceira entrevistada, isto é um motor de

grande sentido de responsabilidade, sendo a primeira a concluir quase um segundo grau de ensino superior – ou seja, um mestrado. A questão dos pais se referirem a ela como uma filha “doutora” e o desejo que a irmã desta também se consiga formar. A terceira entrevistada fala também, bastante abertamente, acerca das suas dificuldades no âmbito do estudo na faculdade. Pelas suas palavras, *“Na faculdade, não basta estar atento às aulas, porque às vezes até se tira mais das leituras que se faz fora das aulas, do que nas próprias aulas, seja porque um colega tem dúvidas e demora-se mais a explicar, ou porque o professor ou a professora divaga um bocado mais, ou até porque a aula não foi tão produtiva, há diversas razões. Mas é necessário bastante trabalho para manter ou ter boas notas”*. Assim sendo, compreende-se que o ensino superior coloca uma maior pressão na aprendizagem, comparativamente aos ensinos básico e secundário, e que esta pressão é bastante sentida pelas entrevistadas. No entanto, as aprendizagens retiradas no âmago do ensino superior, segundo as entrevistadas e já mencionado anteriormente, foram profusas e auxiliaram na compreensão do mundo, tanto que é notório pelo discurso destas jovens entrevistadas, o seu grau de conhecimento e as suas literacias.

No entanto, o caso da terceira entrevistada, ao nível das suas consumições, foi mais periclitante. Segundo a mesma, *“Hum, bem, eu fui diagnosticada com depressão e ansiedade em 2020 e desde aí tenho tomado antidepressivos e também tenho medicação SOS para a ansiedade. Já tomei bastantes vezes, não vou mentir, ao longo destes três anos, já deve ter ultrapassado uma centena de vezes que eu tomei medicação para a ansiedade”*. Tal como a segunda entrevistada, a ansiedade encontra-se presente e sublinha-se, assim como a depressão. Todavia, no caso da terceira entrevistada, esta afirma que a sua ansiedade face à faculdade já foi mais intensa e mais notável e que com as suas consultas de psicoterapia tem visto melhorias. Nas palavras da entrevistada, *“A ansiedade no presente, eu tenho bastante ansiedade, bem já tive mais ansiedade em relação à faculdade do que o que tenho, honestamente. Durante estes anos, aprendi a lidar melhor com a faculdade por causa da psicoterapia e da psicologia, mas recentemente o que me provocou mais ansiedade foi o exame de código”*. Agora que a sua ansiedade inerente à faculdade já se posicionou num formato não tão intensivo, a ansiedade da terceira entrevistada focou-se noutras vertentes – neste caso em

concreto, no exame de código. Quando inquirida acerca das suas ambições para tratar a ansiedade e a depressão no futuro, a terceira entrevistada diz que gostaria de prosseguir com a terapia, até lhe ser dada alta clínica, e confia que um grande objetivo seria reduzir a medicação, ou até mesmo retirar a mesma.

Seria premente mencionar que, durante a sua infância e adolescência, a terceira entrevistada sofreu de bullying. Segundo a própria, *“Infelizmente, sofri alguns episódios de bullying, devido à minha aparência, pronto, era fora dos padrões, eu uso óculos, na altura tinha os típicos dentinhos de coelho, comecei a utilizar aparelho para retificar isso ainda andava na primária, aparelhos específicos, não os de linhas, era porque eu tinha o formato da boca diferente, não dava sequer para meter esses aparelhos de estrelinhas. E era bastante alta, eu no primeiro ano era tão alta como alunos do quarto ano e era mais alta até do que muitos do quarto ano, então essas características faziam com que me destacasse e, pronto, não era muito pela positiva, porque eram fora dos padrões de beleza e, desde pequenos, que somos, na minha opinião, forçados a ver x ou y como beleza e a e z ou a e b como não. E eu não era vista como alguém bonita”*. Embora a terceira entrevistada não relacione estes episódios de bullying à sua ansiedade, visto que somente fora diagnosticada com ansiedade e depressão mais tarde, torna-se imprescindível mencionar esta forma de violência por parte de outrem, por motivos supérfluos. Segundo Brandão (2010, pág. 162), *“O corpo, os modos de ter e de o mostrar são social e culturalmente modelados (...). Eles traduzem pertenças sociais e são fundamentais para a interacção na medida em que permitem a identificação mútua”*. Ora, não correspondendo a uma norma generalizada, a terceira entrevistada foi vítima de episódios de bullying. Assim sendo, foi a única entrevistada que os assumiu, visto que as restantes entrevistadas não mencionaram terem sofrido de bullying, ao longo das entrevistas.

No tocante à quarta entrevistada, os moldes em que as suas consumições relativas ao futuro se projetam é totalmente distinto, muito mais abrangente. A quarta entrevistada lista todos os fatores que lhe provocam ansiedade de forma bastante estruturada e longa. Dito assim, *“Incomoda-me bastante por vezes a ignorância das pessoas em certos assuntos e o facto de não estarem por dentro das coisas, estarem sempre a dar opiniões, que são erróneas. Outro facto é a possibilidade de haver uma terceira guerra mundial,*

acho que é uma ansiedade minha. Eu tenho muita ansiedade e vários ataques de pânico. A nível dos estudos, tenho muita ansiedade, porque quero sempre mais, mais e mais, estabeleço objetivos e quando não os alcanço deita-me abaixo. A nível profissional, também tenho algumas ansiedades, porque eu gosto mesmo de estar neste ambiente de centros de estudo, de orientação a nível pessoal e vocacional, e preocupa-me que no futuro não consiga conciliar o meu futuro trabalho com este e não cumprir os objetivos que os meus alunos criam para mim, o que não é correto". A quarta entrevistada revela, portanto, também sofrer de ataques de pânico, tal como a terceira entrevistada revela que, por vezes, a sua ansiedade a coloca a hiperventilar. Estes processos de temor e de receio face ao futuro, próximo ou distante, coloca em evidência a pressão que a sociedade coloca em jovens do sexo feminino, podendo, também, atuar em indivíduos do masculino. O stress e a ansiedade nos jovens levam-nos ao consumo de várias substâncias – por exemplo, a marijuana. Não são muitos os jovens que possam afirmar a pés juntos que nunca fumaram um cigarro ou marijuana com o intuito de acalmar as ânsias. A própria Constança, terceira entrevistada, assume abertamente que já tomou a sua medicação, supostamente um SOS, de forma quase regular, no intuito de suavizar a ansiedade.

Pelo discurso da quarta entrevistada, depreende-se que se está na presença de uma perfeccionista; quando inquirida relativamente às suas ansiedades no presente, esta não tem problemas em afirmar que o seu futuro profissional a preocupa e que *"E depois quando crio objetivos e eles não conseguem cumprir coloco em causa o meu desempenho"*. O perfeccionismo é algo bastante palpável nas palavras e nas consumições destas entrevistadas e é um propulsor de ansiedades.

Para encerrar este capítulo, segue-se a quinta entrevistada, cantora de coro da igreja. A resposta da quinta entrevistada, neste segmento da entrevista à mesma, é mais vaga – segundo as palavras na íntegra da mesma, *"Tudo o que é incerto. Tudo o que não esteja planeado, tudo o que não esteja devidamente decidido, isso causa-me muita ansiedade e mexe muito comigo. Na faculdade, o facto de não saber a temática, deixa-me um bocado ansiosa"*. Uma vez mais, o fator da faculdade encontra-se presente e a falta de conhecimento face a uma temática é uma propulsora de ansiedades. A incerteza do que

vem a seguir pode tornar-se sufocante e estas entrevistadas não têm receio de o mencionar de forma indelével nas suas palavras, sublinhando-as profusamente.

No fundo a construção de um Eu profissional é um fator de ansiedade muito premente. Segundo Brandão (2010, pág. 41), “(...) a modernidade é caracterizada por uma crescente autonomia das esferas de actividade, dar coerência a estas esferas faz com que a identidade seja mais um problema do que um ser e o Eu surge mais como um projecto ético do que como uma realização”.

5.9. Religiosidade(s)

Há uma modernização do conceito de espiritualidade e religião. Segundo Lopes (2022: 161), “Percebe-se, então, o hibridismo na matriz valorativa destas jovens mulheres. Em vez de viverem na oposição binária entre respeito pela tradição e autoridade familiar versus extroversão individualista, assiste-se a um diálogo com tensões, em que as filhas, sem se incompatibilizarem com a ordem moral doméstica, a apropriam e modificam”.

Torna-se, então, evidente que as pretensões religiosas que provêm dos ascendentes destas jovens mulheres não se encontram prementemente espelhados nas atividades do quotidiano das jovens mulheres entrevistadas. A maioria das entrevistadas não vai à igreja com regularidade.

Deste modo, começando pela primeira entrevistada. Segundo a primeira entrevistada, *“Eu andei na catequese durante três... quatro – não, mais! Durante alguns anos. Depois saí, porque não me fazia sentido andar mais, mas é importante referir que eu nunca... sempre fui católica não praticante”*. A frequência da catequese, nestas alunas de ensino superior não é incomum. No entanto, maior parte destas entrevistadas é não praticante das suas crenças, excetuando, claro, a última entrevistada. A primeira entrevistada diz que somente ia à igreja por respeito à sua avó, ou pelos pais, quando estes o pediam, o que denota uma forma de insistência da ascendência familiar e o seu poder sobre os seus descendentes. Há, aqui, portanto, uma articulação entre o velho e o novo. Todavia, a primeira entrevistada acrescenta algo - segundo esta, *“Entretanto, houve um acontecimento na minha vida que me fez... que me levou toda a pouca crença que eu já tinha. Portanto, não tenho nada contra, mas acho que existe algo superior a nós, mas para mim não é Deus nem nada que se pareça...e é isso, cada vez acredito menos, não faço questão de acompanhar”*.

Há, sem dúvida, eventos marcantes na vida de um indivíduo que o possam fazer reiterar a sua crença e a sua religiosidade. A primeira entrevistada, é somente um exemplo de que as crenças vêm em diversas formas. Não é preciso acreditar em Deus para se ser uma pessoa espiritual. Segundo Brandão (2010: 163), *“(...) as fachadas constituem desempenhos que se institucionalizaram, que se tornaram representações colectivas*

(Goffman, 1989). Existe (...) um leque limitado de repertórios e personagens disponíveis para a representação, um leque limitado de identidades que se pode reclamar”. Estas identidades, aplicadas ao contexto da religiosidade, para muitos e muitas, acabam por gerar as tais fachadas, a personagem do crente que vai à missa, a personagem do devoto que se confessa. Há crenças variáveis, todavia todas elas se basificam num contexto de representação coletiva, como afirma Ana Brandão.

A segunda entrevistada andou na catequese até ao grau que desejou. A família, católica, porém não praticante, diverge na crença de pai e mãe: enquanto a mãe da segunda entrevistada acredita em Deus, o pai da mesma já não tem essa crença. Todavia, segundo as palavras da entrevistada, *“Pronto, e agora... eu acredito que há algo superior, mas também não sei o que é, nem... (risos) pronto, é aquela coisa – acredito e não acredito!”* Uma vez mais, não há uma crença profusamente definida no tocante a esta entrevistada.

Quanto à terceira entrevistada, a família da mesma é, tanto do lado materno como do lado paterno católica. Todavia, a terceira entrevistada não se identifica com essa “representação coletiva” (Brandão, 2010). Nas palavras da mesma, *“No meu caso, eu não me considero católica, embora tenha sido isso que me ensinaram. Fiz 10 anos de catequese, mas não me considero católica. E se calhar nem é pelo que é transmitido, mas pela falta de coerência – as injustiças e os abusos. Sou mais de um ramo espiritual, comunidades pagãs e comunidades que foram perseguidas pela comunidade católica”*. Ao contrário das duas primeiras entrevistadas, a terceira entrevistada projeta as suas crenças de forma mais audível, identificando-se com comunidades e outras representações coletivas, menos faladas. A terceira entrevistada é, também, a única entrevistada que fala abertamente acerca daquilo que não aprecia no contexto do catolicismo e das suas vertentes praticantes – ou seja, como a própria refere, as injustiças e os abusos.

A quarta entrevistada foi outra entrevistada que desistiu de frequentar a catequese. Segundo esta, *“Então... a religião, eu não sou católica, sou cristã, andei na catequese o primeiro e segundo ano e, nas vésperas no pai nosso, eu pedi à minha mãe para sair, expliquei-lhe a situação, que o meu catequista não era lá muito bom, punha-nos de castigo cá fora, e eu não gostava, era assim um bocadinho mauzinho, então eu pedi à*

minha mãe para sair, a minha mãe aceitou”. Todavia, embora tenha desistido da participação na catequese, e embora não se considere católica, assume, sendo a primeira entrevistada a fazê-lo, que é cristã. Não vai à missa com regularidade, não é praticante, não obstante sentir que acredita e que possui e crença. Segundo a mesma, *“Então a nossa (da família) ligação com a religião é muito porque acredito, mas não é algo que seja, como é que eu hei de explicar?... Que movimento a minha vida. Não é algo que influencie diretamente, é algo por necessidade, eu necessito, sei aonde posso recorrer”*. Portanto, é uma ligação frugalmente espiritual, não obstante não podendo minimizar a sua importância, uma vez que a quarta entrevistada assume recorrer à religião quando sente necessidade.

Para encerrar o último capítulo desta análise de conteúdo às entrevistas realizadas, segue a resposta da quinta entrevistada. Esta entrevistada destaca-se das restantes, uma vez que é catequista e assume-se, tal como a quarta entrevistada, como cristã – porém, ao contrário da última, como praticante. Nas palavras da quinta entrevistada, *“Eu sou catequista, então eu tenho de praticar, mas eu gosto. Antes de ser catequista, já ia todos os domingos à missa, também pelo coro, mas sou religiosa, sou catequista e vou todos os domingos à missa sozinha”*.

De forma geral, não se poderá dizer que a espiritualidade e religiosidade constituam papéis muito relevantes nas vidas destas jovens mulheres – à exceção, claro está, da quinta e última entrevistada, a qual é catequista e pratica convictamente, chegando a ir à missa sozinha.

6. Conclusões

A partir deste trabalho de dissertação, foi possível a obtenção de inúmeras aprendizagens. A realização de uma tese de dissertação focalizada em histórias de vida de jovens mulheres com idades correspondentes à minha tornou a experiência profusamente inigualável. Compreender como todas estas jovens mulheres mantêm tantas coisas em comum entre elas, e comigo também, tornou o facto de a entrevista seleccionada ser semiestruturada uma fonte de aprendizagem, não somente acerca das entrevistadas, mas também de mim própria.

Estas jovens entrevistadas, tão diferentes, porém tão similares, partilham regularidades, todavia demonstram singularidades. É interessante compreender como as suas ansiedades, consumições e perspetivações inseguras face ao percurso profissional são profundamente similares. No entanto, no que toca, por exemplo, a configurações familiares ambicionadas, já começam a diferir um pouco: não obstante maior parte das entrevistadas afirmar desejar ter filhos, no caso tocante ao casamento, já não é tão perceptível se é esse o desejo de algumas entrevistadas. Uma, inclusive, afirma que prefere ter filhos antes de se casar, o que é curioso.

No que diz respeito aos lazeres, estas entrevistadas são assaz coincidentes: mulheres de letras e da educação, gostam de elaborar leituras, escuta de música, idas ao cinema e ao teatro – portanto, um profuso consumo cultural. Todavia, também gostam de passear e apreciar o mundo no quão singelo este é. São jovens mulheres de cultura e, assim sendo, foi um prazer indubitável entrevistá-las e, com elas, interagir de forma dinâmica e enriquecedora.

Foi interessante perceber como todas estas entrevistadas possuíam um prazer com a disciplina de Português, aliada com outras disciplinas – por vezes, em dois casos, disciplinas do foro artístico e criativo, como o teatro e a música.

Três das entrevistadas fizeram o seu ensino secundário em cursos profissionais, o que foi também assaz curioso de analisar. Os cursos profissionais em questão foram Turismo,

Música e Teatro. As restantes entrevistadas fizeram o curso científico-humanístico de Línguas e Humanidades.

No que diz respeito às suas relações familiares, todas elas tinham os pais, de sexos opostos invariavelmente, casados. E, com família alargada, também tinham boas relações, à exceção de uma entrevistada, cuja avó colocou os seus pais fora de casa no decurso de uma discussão familiar.

A religiosidade não é, à exceção de um caso em que a entrevistada é catequista, um ponto forte. Há quem acredite, mas, na sua esmagadora maioria, estas entrevistadas não frequentam a missa. Foram, não obstante, criadas em contexto católico e muitas frequentaram a catequese, no entanto deu-se uma quebra desse interesse.

Estas jovens mulheres representam uma geração, representam as feminilidades emergentes em Portugal. São jovens, cultas, feministas e ambiciosas. Desejam sucesso e, para o alcançar, trabalham arduamente. Frequentam mestrados, ajudam nas lides domésticas, são leitoras e são trabalhadoras.

Deste modo, conclui-se que foi possível elaborar retratos de feminilidades, compreender as diferentes vertentes das vidas das entrevistadas, construindo um quadro de singularidades e regularidades.

7. Referências Bibliográficas

- Goffman, Irving (1963), “Estigma”, 2ª edição, LTC
- Brandão, Ana Maria (2015), Uma introdução à abordagem sociológica das identidades, Universidade do Minho, Edições Húmus, ISBN 9789897550331
- Brandão, Ana Maria (2010), E se tu fosses rapaz? Homo-erotismo feminino e construção social da identidade, Edições Afrontamento, ISBN 978-972-36-1147-2
- Dubar, Claude (1991), La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles, Armand Colin, ISBN 2-200-01485-6
- Torres, Anália (2001), “Casamento em Portugal: uma análise sociológica”, Celta Editora, ISBN 972-774-080-4
- Giddens, Anthony (2008), “Sociologia”, Calouste Gulbenkian, ISBN 978-972-31-1503-1
- Berger, Peter, Luckmann, Thomas (1966), “A construção social da realidade”, Editora Vozes, 14ª Edição,
- Brandão, Ana Maria (2010), “E se tu fosses um rapaz? Homo-erotismo feminino e construção social da identidade”, Edições Afrontamento, ISBN 978 972 36 1147 2
- Saraceno, Chiara, Naldini, Manuela (1992), “Sociologia da Família”, Editorial Estampa, ISBN 972 33 1906 3
- Goldoy, Arilda (1995), Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais, Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 M
- Almeida, Felipe, O conceito de Lazer: uma análise crítica, Revista Novos Rumos Sociológicos, vol.9 número 16, dez.2021, ISSN 2318-1966
- Weber, Max, Conceitos Sociológicos Fundamentais, Edições 70, ISBN 972-44-1271-7
- Lopes, João Teixeira (2022), Elas: Percursos Inesperados de Jovens Mulheres das Classes Populares, Tinta da China, ISBN 978-989-671-736-0

Anexo 1 – Tabela de codificação das entrevistas

	Entrevistada 1	Entrevistada 2	Entrevistada 3	Entrevistada 4	Entrevistada 5	
Família Nuclear e Alargada						
Configuração familiar ambicionada						
Ensino superior e aprendizagens						
Objetivos Profissionais						
Espaço, quarto e casa como modeladores da identidade						
Convicções Políticas						
Ansiedades e Consumições: Futuro						
Religiosidades						

ANEXO 2 – CONSENTIMENTO INFORMADO

Consentimento Informado

A presente entrevista tem lugar no âmbito da dissertação de Mestrado em Sociologia em Contextos, Políticas e Práticas Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cujo tema se dá por “Jovens mulheres: histórias e retratos do imaginário feminino”.

Nesta ótica, o principal e primordial objetivo da entrevista presente será recolher informação acerca de trajetórias escolares em jovens mulheres, dos 20 aos 23 anos, frequentadoras do ensino superior.

Seria fundamental sublinhar que não existem respostas certas nem erradas. Neste estudo, pretende-se construir relatos de histórias de vida ilustrativas do que é a escolaridade e a experiência da mesma no feminino. Toda a informação obtida nesta entrevista será confidencial e a identidade do entrevistado não será revelada em qualquer relatório ou publicação, que não esteja estritamente relacionada com o presente trabalho.

Para a concretização da entrevista e síntese da mesma, será possível proceder à gravação?

Autorizo ☐

Não autorizo ☐

Agradeço a sua colaboração para responder às questões que lhe serão colocadas.

Contacto: matildesamagaio@gmail.com

Assinatura: _____

